

Textos Seletos de Helena P. Blavatsky



Vol. II



coleção omnia

TEXTOS SELETOS DE
HELENA P. BLAVATSKY

VOL. II

Título: Textos Seletos de Helena P. Blavatsky, Vol. II *Autora:* Helena Petrovna Blavatsky

Capa e Paginação: Miguel Tomás

Edição: CLUC - Centro Lusitano de Unificação Cultural Rua Pascoal de Melo, nº 4 - 1º
1170-294 Lisboa - Portugal

Telefone/Fax: #351-218128596

Email: info@centrolusitano.org *Web:* www.biosofia.net



TEXTOS SELETOS DE
HELENA P. BLAVATSKY

Vol. II

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	06
AS TRÊS PROPOSIÇÕES DE A DOCTRINA SECRETA	07
A ESCADA DE OURO	14
O FAROL DO DESCONHECIDO	14
A BABEL DO PENSAMENTO MODERNO	39
UMA NOTA SOBRE A MEMÓRIA	54
CONVERSÇÕES SOBRE OCULTISMO COM H.P.B	55
MAHATMAS E CHELAS	60
HÁ UM CAMINHO	62

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação, e com um sentimento de dever cumprido, que prosseguimos, com este segundo volume, a publicação de alguns dos muitos textos de Helena Petrovna Blavatsky (HPB) ainda inéditos em Língua Portuguesa, sob a forma de livro.

Trata-se de um desígnio que pretendemos seguir regularmente, com a edição de outros volumes, juntando textos da insigne Autora entre as muitas centenas ainda inexistentes na nossa língua, e que somam vários milhares de páginas.

Helena Blavatsky (1831-1891) foi a fundadora do movimento esotérico contemporâneo (que, lamentavelmente, em muitos casos se desviou ou até se afastou muito do impulso original); foi a notável precursora de um novo ciclo. Apesar da oposição com que, no seu tempo, se defrontou - poucas vezes um ser humano terá sido alvo de tantas e tão cruas e insidiosas calúnias e difamações - e apesar das traições e desvios que se têm seguido nestes cento e vinte cinco anos desde a sua morte, pode constatar-se como progressivamente têm vindo a ganhar força os ideais por que lutou, na altura quase

sozinha: desde a ecologia à ética animal, desde o multiculturalismo às iniciativas ecumênicas, desde a consideração respeitosa pelas tradições espirituais do Oriente ao estudo atento do Gnosticismo ... Nunca expressaremos admiração nem gratidão suficientes por essa mulher extraordinária, nem pelo imenso acervo de Conhecimento que nos legou. A sua obra mais importante é *A Doutrina Secreta*, livro de profundidade e vastidão formidáveis, tanto nas questões Cosmogénéticas, como Antropogenéticas, como no estudo comparativo das mais diferentes tradições espirituais, religiosas, filosóficas e mitológicas. Não falta, tristemente, quem critique esse trabalho ou manifeste a sua discordância, sem jamais o ter entendido, sem conseguir articular duas ou três frases com sentido e correspondência nos textos, ou sequer sem ter procedido à sua leitura. Nada de novo afinal: o seu lançamento foi adiado um mês (em 1888) mas tal não impediu um importante jornal da época, de apresentar a sua crítica ... no mês em que afinal não fora ainda lançado. Entretanto, da sua pena saíram ainda, *Ísis Sem Véu*, *A Chave Para a Teosofia*, *A Voz do Silêncio*, *Glossário Teosófico* e alguns contos; e, além disso, centenas de escritos (que complementam os mencionados livros), abundantes em indicações para a vida e as questões de todos os dias.

As traduções que integraram o anterior livro foram efetuadas pelos nossos amigos teosofistas do site www.Filosofia-Esoterica.com, numa colaboração a continuar em futuras edições de textos clássicos de Teosofia. No caso deste segundo volume, as traduções dos textos que nele se incluem foram feitas por colaboradores do Centro Lusitano de Unificação Cultural. Agradecemos especialmente à Dra. Mirca Santos (tradutora de *O Farol do Desconhecido*, de *Uma Nota sobre a Memória*, de *Mahatmas e Chelas*, e de *Há um Caminho*), à Dra. Maria Paula Lourinho (*A Babilônia do Pensamento Moderno*) e à Dra. Ana Isabel Neves (*Conversas sobre Ocultismo com H.P.B.*).

Parte dessas traduções foram levadas a cabo antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico. Assim, neste volume, a grafia manteve-se de acordo com as regras então vigentes. O critério foi, pois, de liberalidade. Já assim tínhamos procedido quando, no primeiro tomo, conservamos as traduções com uma Língua Portuguesa à maneira do Brasil. E é com esta última forma referida que voltamos a proceder, logo no início, à reprodução das Três Proposições Fundamentais da Doutrina Secreta, tal como foram traduzidas pelos amigos de www.FilosofiaEsoterica.com. Essas Proposições, na sua extraordinária síntese, facultam um referencial relevante e paradigmático dos Ensinamentos de Helena Petrovna Blavatsky e da Sabedoria Eterna e Universal de que foi mensageira.

Os Editores

AS TRÊS PROPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS DE A *DOCTRINA SECRETA*

A fim de facultar ao leitor uma noção global - ainda que muito sucinta - do imenso sistema teosófico, reproduzimos as três proposições fundamentais de *A Doutrina Secreta* de Helena P. Blavatsky (que constam do Proêmio da obra).

A tradução a seguir foi feita, pelo site www.FilosofiaEsoterica.com, a partir da edição autêntica e original, publicada em Londres em 1888, conforme a edição facsimilar de "The Theosophy Company", Los Angeles, 1982, pp. 13-20. Este detalhe é significativo, porque até hoje a única edição da obra disponível em língua portuguesa é uma tradução da sua edição não original de 1897 - preparada por Annie Besant - em que há inúmeras adulterações do texto original. Na verdade, os erros e alterações da edição preparada por Annie Besant são tão numerosos que a própria editora da S.T. de Adyar decidiu abandoná-la nos anos 1970, adotando a edição bem preparada e confiável, embora não-facsimilar, de Boris de Zirkoff.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais: **[1]**

(a) Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque ele transcende o poder da concepção humana e só poderia ser distorcido por qualquer expressão ou comparação humanas. Está além dos limites e do alcance do pensamento – nas palavras do Mandukya, é “impensável e indescritível”.

Para que estas ideias fiquem mais claras para o leitor geral, ele deve começar com o postulado de que há uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna – vagamente formulada nas ideias de “Inconsciente” e “Incognoscível” da filosofia europeia atual – é a raiz sem raiz de “tudo o que foi, é, ou será algum dia”. Ela é naturalmente destituída de quaisquer atributos, e essencialmente não possui qualquer relação com o Ser manifestado e finito. Ela é a “existencialidade”, mais do que Ser (em sânscrito, *Sat*) **[2]**, e está além de todo pensamento e especulação.

Essa “existencialidade” é simbolizada na Doutrina sob dois aspectos. De um lado, Espaço absoluto e abstrato, o que representa pura subjetividade, a única coisa que nenhuma mente humana pode nem conceber por si mesma, nem excluir das suas concepções. De outro lado, absoluto Movimento Abstrato, representando a Consciência Incondicionada. Até mesmo os nossos pensadores ocidentais têm mostrado que a Consciência é inconcebível para nós, se estiver separada da mudança; e é o movimento que melhor simboliza a mudança, a sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade uma também é simbolizado pela expressão “A Grande Respiração”, uma imagem

tão clara que não necessita mais explicações. Assim, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é este UNO ABSOLUTO – A EXISTENCIALIDADE -, simbolizado pela inteligência finita através da Trindade teológica.

No entanto, mais algumas explicações podem ser úteis ao estudante.

Ultimamente, Herbert Spencer tem modificado tanto seu Agnosticismo que chega ao ponto de afirmar que a natureza da “Causa Primeira” [3] – que o Ocultismo, de modo mais lógico, vê como sendo derivada da “Causa Sem Causa”, o “Eterno” e “Incognoscível” – pode ser essencialmente a mesma causa da Consciência que brota dentro de nós: em resumo, que a realidade impessoal que permeia o Cosmo é o puro númeno do pensamento. Este progresso da sua parte coloca-o muito próximo da doutrina esotérica e vedantina. [4]

Parabrahm (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de qualquer relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas uma vez que nós passemos em pensamento para além desta (para nós) Absoluta Negação, surge a dualidade no contraste entre Espírito (ou consciência) e Matéria; Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem no entanto ser vistos não como realidades independentes, mas como as duas facetas ou os dois aspectos do Absoluto (Parabrahm), que constitui a base do Ser condicionado, seja ele subjetivo ou objetivo.

Considerando esta tríade metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, a grande Respiração assume o caráter da Ideação pré-cósmica. Ela é a *fons et origo* da energia e de toda consciência individual, e dá a inteligência orientadora no vasto esquema da Evolução cósmica. Por outro lado, a substância-raiz pré-cósmica (*Mulaprakriti*) é aquele aspecto do Absoluto que está na base de todos os planos objetivos da Natureza.

Assim como a Ideação Pré-Cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a Substância Pré-Cósmica é o substrato da matéria nos vários graus da sua diferenciação.

A partir disso, fica claro que o contraste entre estes dois aspectos do Absoluto é essencial para a existência do “Universo Manifestado”. Separada da Substância Cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual, já que é só através de um veículo [5] material que a consciência surge como “eu sou eu”, sendo necessária uma base física para focar um raio da Mente Universal em determinado estágio de complexidade. Novamente, separada da Ideação Cósmica, a Substância Cósmica permaneceria como uma abstração vazia, e nenhum surgimento da consciência poderia ocorrer.

O “Universo Manifestado”, portanto, é permeado pela dualidade, e a dualidade constitui, digamos, a própria essência da sua EX-istência como “manifestação”. Mas assim como os polos opostos do sujeito e do objeto, do espírito e da matéria, são apenas aspectos da Unidade Única na qual eles são sintetizados, assim também, no Universo manifestado, há “aquilo” que liga o espírito à matéria, o sujeito ao objeto.

Esse algo, atualmente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado pelos ocultistas de Fohat. Ele é a “ponte” pela qual as “Ideias” que existem no “Pensamento Divino” são impressas na substância Cósmica como “leis da Natureza”. Fohat é, assim, a

energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, visto do outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação, o “Pensamento Divino” transmitido e tornado manifesto pelos Dhyán Chohans [6], os Arquitetos do mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica, vêm os vários veículos nos quais aquela consciência é individualizada e alcança a autoconsciência ou consciência reflexiva; enquanto que Fohat, em suas várias manifestações, é elo misterioso entre a Mente e a Matéria, o princípio animador que eletrifica cada átomo, dando-lhe vida.

O seguinte resumo transmitirá uma ideia mais clara ao leitor.

(1.) O ABSOLUTO; o *Parabrahm* dos vedantinos ou a Realidade una, SAT, que é, como diz Hegel, tanto o Absoluto Ser como o Absoluto Não-Ser.

(2.) A primeira manifestação, o Logos impessoal e, em filosofia, o Logos *imanifestado*, precursor do “manifestado”. Esta é a “Primeira Causa”, o “Inconsciente” dos panteístas europeus.

(3.) Espírito-matéria, VIDA; o “Espírito do Universo”, o Purusha e Prakriti, ou *segundo* Logos.

(4.) Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência, a Alma-do-Mundo Universal ; o Númeno Cósmico da Matéria, também chamado de MAHA-BUDDHI.

A REALIDADE UNA; os seus aspectos *duais* no Universo condicionado.

A Doutrina Secreta afirma também:

(b) A Eternidade do Universo *in Toto* como um plano ilimitado; sendo periodicamente “cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente”, chamados de “estrelas em manifestação” e “centelhas da Eternidade”. “A Eternidade do Peregrino” [7] é como um piscar do Olho da Autoexistência (Livro de Dzyan). “A aparição e a desaparecimento de Mundos é como o fluxo e o refluxo regulares da maré.” (Veja, na Parte II, “Dias e Noites de Brahma”.)

Esta segunda afirmação da Doutrina Secreta estabelece a absoluta universalidade daquela lei da periodicidade, do fluxo e refluxo, da maré alta e baixa, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza. Alternâncias como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Despertar, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção que é fácil compreender que neles nós vemos uma das leis absolutamente fundamentais do universo.

Além disso, a Doutrina Secreta ensina também:

(c) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma-Superior Universal, sendo esta última, em si mesma, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma – uma centelha da Alma-Superior Universal – através do Ciclo da Encarnação (ou “da Necessidade”), de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo o período. Em outras palavras, nenhum Buddhi (alma divina) puramente espiritual pode ter uma existência independente (consciente) antes que a centelha, que surgiu da pura Essência do Sexto princípio Universal, – ou ALMA-SUPERIOR – tenha, (a) passado através de cada forma elemental do mundo fenomênico daquele Manvântara, e (b) adquirido individualidade, primeiro por impulso natural, e depois por impulsos autoinduzidos e autoplanejados (limitados pelo seu Carma), ascendendo assim através de todos os graus de inteligência, desde o Manas mais inferior até o Manas mais elevado, do mineral e do vegetal até o mais sagrado arcanjo (Dhyani-Buddha). A doutrina central da filosofia Esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego através de esforço e mérito pessoal ao longo de toda uma longa série de metempsicoses e reencarnações. É por isso que os hindus dizem que o Universo é Brahma e Brahma, por que Brahma está em cada átomo do universo, e os seis princípios na Natureza são todos resultados – os aspectos diversamente diferenciados – do SÉTIMO e UNO, a única realidade no Universo, seja Cósmico ou microcósmico; e também é por isso que as permutações (psíquicas, espirituais e físicas), no plano da manifestação e da forma, do sexto (Brahmâ, o veículo de Brahma) são vistas por antífrase metafísica como ilusórias e Maiáicas. Porque embora a raiz de cada átomo individualmente, e de cada forma coletivamente, seja aquele sétimo princípio ou a Realidade una, ainda assim, no seu mundo fenomênico manifestado e na sua aparência temporária, ela não é mais que uma ilusão passageira dos nossos sentidos. (Para uma definição mais clara, veja, na parte III deste volume I, o Adendo “Deuses, Mônadas e Átomos”, e também “Teofania”, “Bodhisatvas e Reencarnação”, etc., etc.)

Na sua dimensão absoluta, o Princípio Único, sob seus dois aspectos (de Parabrahmam e Mulaprakriti) é sem sexo, incondicionado e eterno. A sua emanção periódica (manvantárica) – ou radiação primária – também é una, andrógina e fenomenicamente finita. Por sua vez quando a radiação ocorre todas as suas irradiações são também andróginas, tornando-se masculinas e femininas em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya, seja o Pralaya grande ou o menor (esse último deixa os mundos em *statu quo* [8]), o primeiro que redesperta para a vida ativa é o Akasha plástico, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou o plano da superfície do Círculo. O Espaço é chamado de “a Mãe”, antes da sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do redespertar. (Veja os Comentários à Estância II.). Na Cabala, o Espaço é também Pai-Mãe-Filho. Mas enquanto para a doutrina Oriental estes constituem o sétimo princípio do Universo manifestado, ou o seu “Atma-Buddhi-Manas” (Espírito, Alma, Inteligência), a tríade que se ramifica e se divide nos sete princípios cósmicos e humanos, para a Cabala Ocidental dos místicos cristãos, trata-se da Tríade ou Trindade, e segundo os seus ocultistas, o macho-fêmea, Jeová, Jah-Havah. Esta é a única diferença entre as trindades esotérica e cristã. Os místicos e os filósofos, os panteístas orientais e ocidentais, sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina. Os ortodoxos a antropomorfizam. *Hiranyagarbha, Hari e Sankara* – as três

hipóstases do “Espírito do Supremo Espírito” em manifestação (por cujo título Prithivi, a Terra, saúda Vishnu em seu primeiro Avatar) – são as qualidades puramente metafísicas e abstratas de formação, preservação e destruição, e são os três Avasthas (lit. hipóstases) divinos daquilo que “não morre com as coisas criadas” (ou Achyuta, um nome de Vishnu); enquanto que o cristão ortodoxo separa sua Divindade pessoal criadora nos três personagens da Trindade, e não admite nenhuma Divindade mais elevada. Esta última, em Ocultismo, é o Triângulo abstrato; para os ortodoxos, é o Cubo perfeito. O deus criativo ou os deuses agregados são vistos pelo filósofo Oriental como *Bhrantidarsanatah* – “falsa compreensão”, algo “concebido como uma forma material devido a aparências errôneas”, o que é explicado como surgindo da visão ilusória da alma Egoísta, pessoal e humana (quinto princípio inferior). Isso foi expresso de maneira bela em uma nova tradução do Vishnu Purana. “Aquele Brahmâ em sua totalidade tem essencialmente o aspecto de Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado (Mulaprakriti), e também o aspecto de Espírito e o aspecto de Tempo. O Espírito, ó nascido-pela-segunda-vez, é o aspecto principal do Supremo Brahma.[9] O aspecto seguinte é duplo – Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado, e o tempo é o último.” Na teogonia órfica, Cronos é descrito como sendo também um deus ou agente gerado.

Neste estágio do redespertar do Universo, o simbolismo sagrado o representa como um Círculo perfeito com o ponto (raiz) no centro. Este signo era universal, portanto nós o encontramos também na Cabala. A Cabala Ocidental, no entanto, agora nas mãos dos místicos cristãos, o ignora completamente, embora ele seja claramente mostrado no Zohar. Estes sectários começam pelo final, e apresentam como símbolo do Cosmo pré-genético este signo Å, chamando-o de “a União da Rosa e da Cruz”, o grande mistério da geração oculta, de onde vem o nome – rosacruz (Rosa Cruz)!

No entanto, como se pode ver a partir do mais importante e mais bem conhecido dos símbolos rosacruz, existe um que nunca até agora foi compreendido nem mesmo pelos místicos modernos. É o símbolo do “pelicano” que rompe e abre seu próprio peito para alimentar seus sete filhotes – o verdadeiro credo dos Irmãos da Rosacruz e um produto direto da Doutrina Secreta Oriental. Brahma (de gênero neutro) é chamado de Kalahansa, o que significa, como explicado por orientalistas ocidentais, o Eterno Cisne ou ganso (veja a Estância III, comentário 8); e o mesmo ocorre com Brahmâ, o Criador. Um grande erro fica desse modo à mostra. É Brahma (neutro) que deveria ser referido como Hansa-vahana (aquele que usa o cisne como seu Veículo), e não Brahmâ, o criador. Brahmâ é o verdadeiro Kalahansa, enquanto Brahma (neutro) é hamsa, e “Ahamsa”, como será explicado no comentário. Deve ser levado em conta que os termos Brahmâ e Parabrahmam [10] não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura Esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao TODO UNO, e ao Uno “Todo em Tudo”.

Estes são os conceitos básicos sobre os quais está estabelecida a Doutrina Secreta.

Não cabe fazer aqui a defesa deles, nem dar qualquer comprovação do seu caráter intrinsecamente razoável. Tampouco posso fazer uma pausa para mostrar como estes conceitos estão na verdade contidos – embora demasiado frequentemente sob aparências enganosas – em cada um dos sistemas de pensamento ou sistemas filosóficos dignos deste nome.

Uma vez que o leitor tenha obtido uma clara compreensão desses conceitos, e tenha percebido a luz que eles lançam sobre todos os problemas da vida, já não será necessária mais nenhuma justificação deles junto ao leitor, porque sua veracidade será tão evidente quanto a existência do Sol no céu.

NOTAS:

Notas do Tradutor:

[1] Neste ponto, estamos na página 14 do volume I da edição original em inglês. (NT)

[2] Existencialidade. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria “ser-alidade” (“a condição de ser”); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição de “A Doutrina Secreta” que foi publicada pela Ed. Pensamento no século 20 – e que constitui uma tradução do texto adulterado por Annie Besant na década de 1890 – é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo “ser”. Cabe registrar que, em inglês, o verbo “to be” significa não apenas “ser” e “estar”, mas também “existir”. Em consequência disso, traduzir o termo “Be-ness” por uma palavra derivada de “existir” é admissível. Além disso, o volume “The Secret Doctrine Dialogues” (Theosophy Co., Los Angeles, 2014), transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alunos seus – em uma reunião em Londres – sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: “Eles riram de ‘Be-ness’ e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra *Sat* exceto como Be-ness, porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....).” (p. 23). Assim, HPB associa claramente “BE-NESS” com “Existência”, ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria “existencialidade”, ou a “potencialidade da existência e a sua condição essencial”. A palavra “Sat” também pode ser definida como “a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness” (Ver o item “Sat” no “Theosophical Glossary”, Theosophy Company, Los Angeles). (NT)

Notas de H. P. Blavatsky:

[3] A palavra “primeira” indica necessariamente algo que é “o primeiro a ser produzido”, “o primeiro no tempo, no espaço e em hierarquia”, e portanto finito e condicionado. O “primeiro” *não pode ser o absoluto*, porque é uma manifestação. Portanto, o Ocultismo

Oriental chama o Todo Abstrato de “Causa Una Sem Causa”, a “Raiz Sem Raiz”, e limita a “Causa Primeira” ao *Logos*, no sentido que Platão dá a este termo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[4] Veja as quatro eficientes palestras do Sr. Subba Row sobre o Bhagavad Gita, na revista “The Theosophist”, de fevereiro de 1887.

[5] Chamado em sânscrito de “Upadhi”.

[6] Chamados pela teologia cristã de Arcanjos, Serafins, etc.

[7] “Peregrino” é um termo para designar a nossa *Mônada* (os dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral – o Espírito Universal, do qual ela emana, e no qual ela é absorvida no final do ciclo. Quando se afirma que a Mônada emana do espírito uno, está sendo necessário usar uma expressão inadequada e incorreta, por falta de palavras adequadas em inglês. Os vedantinos a chamam de Sutratma (Fio-da-Alma), mas sua explicação, também, difere um pouco da explicação dos ocultistas. No entanto, deixamos para os vedantinos a tarefa de explicar a diferença.

[8] Não são os organismos físicos, e muito menos os seus princípios psíquicos, que permanecem em *statu quo* durante os grandes pralayas cósmicos ou mesmo pralayas solares, mas somente as suas “fotografias” astrais ou akáshicas. Porém durante os pralayas menores, uma vez tomados pela “Noite”, os planetas permanecem intactos, embora mortos, assim como um animal enorme, capturado e soterrado no gelo polar, permanece igual durante eras.

[9] Assim, Spencer, embora, como Schopenhauer e von Hartmann, apenas reflita um aspecto dos velhos filósofos esotéricos, desse modo lançando seus leitores na praia deserta do desespero agnóstico – reverentemente formula o grande mistério; “aquilo que persiste imutável em quantidade, mas sempre mudando na forma sob estas aparências sensíveis que o Universo apresenta para nós, é um poder desconhecido e incognoscível, que somos obrigados a reconhecer como sem limite no Espaço e sem começo ou final no tempo.” É só a audaciosa Teologia – nunca a Ciência ou a Filosofia – que busca calcular o Infinito e revelar o Insondável e Incognoscível.

[10] Vemos aqui a grafia “Parabrahmam”, mas na maior parte da obra é usada a grafia “Parabrahm”. (NT)

A ESCADA DE OURO

Este texto integra os *Collected Writings*, Vol. XII, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1980, 857 pp., ver p. 503. Tradução dos Editores.

Contempla a verdade diante de ti:

Vida limpa, mente aberta, coração puro, intelecto arguto,
percepção espiritual sem véus,
fraternidade para com o seu co-discípulo,
prontidão para dar e receber conselhos e instruções,
leal sentido de dever para com o Instrutor,
obediência diligente aos preceitos da Verdade - uma vez
que tenhamos depositado a nossa confiança nela,
convencidos de que o Instrutor a possui;
resistência corajosa às injustiças pessoais,
destemida declaração de princípios,
defesa valorosa daqueles que são injustamente atacados,
mira constante no ideal do progresso humano e na perfeição –
conforme descreve a ciência secreta (*Gupta Vidyâ*).
Esta é a Escada de Ouro cujos degraus o estudante deve subir
antes de atingir o Templo da Divina Sabedoria.

O FAROL DO DESCONHECIDO

O texto que se segue foi publicado pela primeira vez em *La Révue Théosophique*, Paris, Vol. I, N^{os}. 3,4,5,6; 21 de Maio de 1889, pp. 1-9; 21 de Junho de 1889, pp. 1-7; 21 de Julho, 1889, pp. 1-6; 21 de Agosto de 1889, pp. 1-9; e está reproduzido em *Collected Writings*, Voi. XI, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1973, 632 pp., ver pp. 212- -247 (original em Francês) e 248-283 (tradução para Inglês). Tradução para Português de Mirca Santos.

É dito num velho livro sobre estudos ocultistas:

A *Gupta- Vidyâ* (Ciência Secreta) é um mar atraente, tempestuoso e sulcado de rochedos. O navegador que nele se arrisca, se não for sensato e rico de experiência adquirida (1), será tragado pelas águas e trucidado nos muitos recifes submarinos. Grandes vagas, cor de safira, rubi e esmeralda, ondas cheias de beleza e mistério engolfá-le-ão, sempre lestras a rumar os marinheiros até outros, numerosos, faróis que

cintilam em todas as direções. São, estes faróis, falsas luzes, fogos-fátuos acendidos pelos filhos de *Kâliya* (2), com vista a destruir aqueles que têm sede de vida. Felizes dos que ficam cegos ante essas luzes enganadoras, e ainda mais felizes os que não desviam nunca os olhos do único farol verdadeiro, cuja chama eterna arde solitária no seio do abismo das águas da Ciência Sagrada. São muitos os peregrinos que aí aspiram mergulhar; porém, bem raros os nadadores vigorosos que logram alcançar o Farol. Para lá chegar, é preciso deixar de ser um número, para passar a ser *todos os números*. Necessário é apagar a ilusão da separatividade, para unicamente se entregar à verdade da individualidade colectiva. (3) É preciso ver com os ouvidos e ouvir com os olhos (4), ler a linguagem do Arco-Íris, e ter concentrado os seus *seis* sentidos no sétimo sentido. (5)

O "Farol" da Verdade é a Natureza sem o véu da ilusão dos sentidos. Ele só pode ser alcançado quando o adepto se torna senhor absoluto do seu próprio eu e capaz de controlar todos os seus sentidos, físicos e psíquicos, com a ajuda do seu "sétimo sentido", graças ao qual ele é assim dotado com a verdadeira sabedoria dos deuses - *Theo-sofia*.

Escusado será dizer que os profanos - os não iniciados, *no exterior do templo*, ou *profanos* - julgam os "faróis" e o "Farol", acima citados, em sentido inverso. Para eles, é o Farol da verdade Oculta que representa o *ignus factuus*, o grande fogo-fátuo da ilusão e da loucura humanas, e consideram todos os outros como recifes benéficos, que detêm a tempo os exaltados, sobre o mar da loucura e da superstição.

"Não é o suficiente": alegam os nossos amáveis críticos, "que o mundo tenha chegado, por via dos ismos, a essa coisa do *teosofismo* - que mais não é do que uma *mistificação transcendental* -, sem que ainda nos presenteie com a magia requentada da Idade Média, com os seus grandes sabats e a sua histeria crônica?"

Um momento, meus senhores! Sabeis ao menos, ao falar assim, o que é a *verdadeira* magia, ou as ciências ocultas? Deixastes que nas escolas vos inculcassem as convicções de "feitiçarias diabólicas" de Simão o Mago e do seu discípulo Menandro, segundo o bom Padre Ireneu, o muito zeloso Teodoreto e o autor desconhecido do *Philosophumena*. Deixastes que vos fosse dito, de um lado, que esta magia provinha do diabo; do outro, que ela não é senão o produto da impostura e da fraude. Pois bem ... Mas, que sabeis vós da verdadeira natureza do sistema praticado por Apolónio de Tiana, por Jâmblico, e outros *magos*? E o que pensais da identidade da teurgia de Jâmblico com a "magia" de Simão e de Menandro? O seu verdadeiro carácter é somente em parte desvelado pelo autor do livro *De mysteriis* (6). No entanto, as suas explicações foram suficientes para converter Porfírio, Plotino e outros, os quais, de inimigos que eram da *teoria esotérica*, se tornaram os seus mais fervorosos aderentes. A razão é extremamente simples. A verdadeira Magia, na teurgia de Jâmblico, é por sua vez idêntica à gnose de Pitágoras $\gamma\nu\omega\sigma\iota\zeta\ \tau\omega\nu\ \acute{\omicron}\nu\tau\omega\nu$, a *ciência das coisas que são*, e ao êxtase divino dos *Filaleteanos*, "os amantes da Verdade". Mas há que julgar a árvore pelos seus frutos. Quem eram esses que testemunharam o carácter divino e a realidade desse êxtase, chamado nas Índias *samadhi*? (7) São uma *longa* plêiade de homens, que, se houvessem sido cristãos, teriam sido canonizados; não por decisão da Igreja, que tem as suas parcialidades e predileções, e sim pela de populações inteiras, a *vox populi*, que raramente se engana nos seus juízos. Entre eles, por exemplo, encontramos Amónio Saccas, cognominado *theodidaktos*, o "inspirador de Deus"; o grande

mestre cuja vida foi tão casta e tão pura que Plotino, seu discípulo, perdeu para sempre a esperança de voltar a encontrar algum mortal que se lhe comparasse. Foi este mesmo Plotino - o qual era para Amônio o que Platão foi para Sócrates - um discípulo digno das virtudes do seu ilustre mestre. Foi, entretanto, Porfírio, o pupilo de Plotino, (8) o autor da biografia de Pitágoras. Na aura desta gnose divina, cuja influência benfazeja radiou até aos nossos dias, despontaram todos os celebrados místicos dos últimos séculos, como Jacob Böhme, Emmanuel Swedenborg, e tantos outros. Madame Guyon é a *contraparte* feminina de Jâmblico. Os Quietistas Cristãos, os Sufis Muçulmanos, os Rosacrucianos de todas as nações, saciaram a sua sede nas águas dessa fonte inexaurível - a Teosofia dos Neo-Platônicos dos primeiros séculos da era cristã. A gnose precedeu essa era, pois foi a extensão direta da *Gupta-Vidyâ* e da *Brahma-Vidyâ* ("sabedoria secreta" ou "sabedoria de Brahman") da antiga Índia, transmitida através do Egito; como a teurgia dos Filaleteanos foi uma continuação dos Mistérios Egípcios. Em todos os casos, o ponto de partida desta magia *diabólica*, é a Divindade suprema; o seu termo e objetivo final, a união da centelha divina que anima o homem através da Chama-mãe, que é o *Todo* Divino.

Esta meta é a *ultima Thule* dos teósofos que se votaram inteiramente ao serviço da humanidade. Para além destes, os que não estão ainda prontos a tudo sacrificar, podem ocupar-se das ciências transcendentais, tais como o Mesmerismo e os *phenomena* modernos sob todas as suas formas. Têm esse direito, de acordo com a cláusula que consagra e fomenta, como um dos objetivos da Sociedade Teosófica, "a investigação das leis desconhecidas da natureza e *dos poderes psíquicos latentes no homem*". (9)

Os primeiros são pouco numerosos - o altruísmo perfeito e completo sendo uma "*avis rara*" mesmo entre os teósofos modernos. Os outros membros são livres de se ocuparem no que entenderem. Apesar disso, e a despeito da lisura dos seus *comportamentos*, que nada têm de misterioso, nós somos constantemente instados a explicarmo-nos; a persuadir o público de que não celebramos Sabats nem fabricamos vassouras de bruxas para uso dos Teósofos - por vezes tal raia os limites do grotesco. Na verdade, [a S.T.] não se trata de um novo "ismo", uma *religião* tirada das profundezas de um cérebro desequilibrado, ou uma mistificação, ou de exercermos as artes de Circe sobre homens e animais, como nos acusam. Ataques e zombarias chovem incessantemente sobre a Sociedade Teosófica. Não obstante, ela permanece de pé, depois de todos estes catorze anos em que isto perdura: sim, ela tem tido, mesmo, uma vida dura!

II

Depois de tudo, os críticos, que não julgam senão pelas aparências, não estiveram afinal tão equivocados. Há Teosofia e Teosofia: a verdadeira teosofia do *teósofo* é a do membro da sociedade que leva esse nome. O que sabe o mundo sobre a verdadeira teosofia? Como faz a distinção entre a de um Plotino, e aquela dos *pretensos* irmãos? E, de estes últimos, a sociedade possui maior número do que o dos seus integrantes legítimos. O egoísmo, a vaidade e a presunção da maioria dos homens são inacreditáveis. Alguns há para quem a sua pequena *personalidade* constitui o universo inteiro, para lá da qual não existe salvação. Faça-se-lhes notar que o alfa e o ômega da sabedoria não se limitam à

circunferência do seu cérebro, que o seu julgamento não é propriamente como o do rei Salomão, e de pronto ser-se-á acusado, aos seus olhos, de "anti-teosofia"; em suma, que se cometeu uma blasfêmia contra o Espírito - pecado que não será perdoado neste século, nem no próximo. Esses membros dirão: "a Teosofia, sou eu!", tal como Luís XIV disse "o Estado, sou eu!". Falam de fraternidade e de altruísmo mas não amam senão a "quem não sabe amar ninguém" - a eles próprios, ou por outras palavras, ao seu próprio "eu". O seu egoísmo fá-las imaginar que apenas elas representam o templo da Teosofia, e que ao autoproclamar-se assim, ao mundo, proclamam a Teosofia. Ai de nós! As portas e janelas de um tal "templo" são como canais por onde entram, contudo raramente saem, os vícios e ilusões das mediocridades egoístas.

Essas pessoas são as *formigas-brancas* da Sociedade Teosófica, que devoram os seus alicerces, e que constituem uma ameaça permanente para a instituição. Só se consegue respirar livremente, quando elas a abandonam.

Não são esses, quem alguma vez possa transmitir uma ideia correta da teosofia prática, menos ainda da teosofia transcendente, que ocupa as mentes de um pequeno grupo de eleitos. Cada um de nós possui a faculdade, o sentido interior, conhecido sob o nome de *intuição*: mas quão raros são os que sabem realmente como desenvolvê-la! No entanto, é ela a única faculdade mediante a qual podemos vislumbrar os homens e as coisas sob as suas verdadeiras cores. É um *instinto da alma* que cresce em nós, na proporção do uso que dele fazemos, e que nos ajuda a perceber e entender os fatos reais e absolutos com muito mais clareza do que com o simples exercício dos nossos sentidos e do nosso raciocínio. Aquilo a que se chamam bom senso e lógica habilita-nos tão-somente a ver a aparência das coisas, o que é a verdade para a generalidade das pessoas. O *instinto* de que falo, sendo uma projeção da nossa consciência perceptiva - projeção que se opera do subjetivo para o objetivo, e não *vice-versa* -, desperta em nós os sentidos espirituais e as forças para a ação; esses sentidos assimilam a essência do objeto ou da ação que examinamos, e representam-no-los como realmente *são* e não como nos pareceriam ser à luz dos nossos sentidos físicos e da nossa fria razão. "Começamos com o *instinto*, terminamos com a *omnisciência*", diz o professor A. Wilder, o nosso mais antigo colega. Jâmblico descreveu esta faculdade, e alguns Teósofos puderam apreciar toda a verdade da sua descrição.

"Existe [diz Jâmblico] uma faculdade na mente humana que é imensamente superior a todas aquelas que nos são induzidas, ou engendradas. Através dela podemos alcançar a união com inteligências superiores, elevando-nos acima do cenário da vida deste mundo, e partilhar a existência superior e os poderes sobre-humanos dos habitantes celestes. Mediante esta faculdade ficamos finalmente libertos do domínio do Destino (Karma), e tornamo-nos, por assim dizer, árbitros do nosso devir. Porquanto, no momento em que as melhores partes de nós se encontram plenas de energia, e quando a nossa alma é elevada em direção a condições mais elevadas do que a ciência, ela separa-se dos condicionalismos que ora a retêm sob o jugo da vida quotidiana comum; troca a sua existência ordinária por uma outra, e renuncia aos hábitos convencionais que pertencem à ordem externa das coisas para se entregar e *subsumir* nessa outra ordem que reina na existência mais elevada ... (10)

Platão expressa esta mesma ideia em duas linhas:

"A luz e o espírito de Divindade são as asas da alma. Elas a elevam até à comunhão com os deuses, acima desta terra, com a qual o espírito do homem está sempre pronto a conspurcar-se ... Tornar-se igual aos deuses é tornar-se santo, justo e sábio. É esta a finalidade para a qual o homem foi criado, esse deve ser o seu desígnio na aquisição da sabedoria." (11)

Esta é a verdadeira Teosofia, a Teosofia interior, a da alma. Mas, se for seguida com um objetivo egoísta, ela altera a sua natureza e volve-se em *demosofia*. Eis por que a Sabedoria Oriental nos ensina que o *Yogi* Hindu que se isola numa floresta impenetrável, bem como o eremita cristão que se retira, como nos tempos idos, para o deserto, ambos rumam por caminhos egoístas. Um age com o único fito de encontrar, na essência do Uno e no Nirvâna, refúgio que o libere da reencarnação; o outro, com o único propósito de salvar a sua alma - ambos pensam apenas em si próprios. As suas motivações são exclusivamente de caráter pessoal; já que, e admitindo que atingissem o objetivo, não seriam eles como o soldado covarde que no momento da ação deserta do regimento, para se proteger das balas? Ao isolarem-se assim, nem o *Yogi* nem o "santo" ajudam quem quer que seja exceto a si próprios; pelo contrário, ambos se mostram profundamente indiferentes quanto ao destino da humanidade, de quem fogem e a quem abandonam. O Monte Athos (12) talvez contenha em si meia dúzia de fanáticos sinceros; não obstante, mesmo esses inconscientemente ignoraram a única via que podia conduzi-los à verdade - a via do Cálvário, na qual cada um carrega voluntariamente a cruz da humanidade e pela humanidade. Com efeito, é esse um ninho do egoísmo mais grosseiro; e é a estes locais que se aplica a observação de Adam relativamente aos mosteiros: "Há criaturas solitárias que parecem ter fugido do resto da humanidade pelo único prazer de comungar *tête-à-tête* com o diabo."

Gautama, o Buda, só permaneceu em solidão o tempo necessário para chegar à verdade, que em seguida se devotou a proclamar, mendigando o seu pão e vivendo para a humanidade. Jesus só se retirou para o deserto por um período de quarenta dias, e morreu por essa mesma humanidade. Apolônio de Tiana, Plotino e Jâmblico, embora tivessem levado vidas de singular abstinência, quase de ascetismo, viveram no mundo e *para* o mundo. Os maiores ascetas e *santos* dos nossos dias não são aqueles que se retiram para locais inacessíveis; mas são aqueles que, embora evitando a Europa e os países ditos civilizados - países divididos em dois campos, o de Caim e o de Abel, onde cada um só tem olhos e ouvidos para si próprio -, passam os seus dias a viajar e a fazer o bem, tentando elevar a humanidade.

Aqueles que consideram a alma humana como uma emanção da Divindade, como uma partícula ou raio da alma universal e ABSOLUTA, compreendem a parábola dos *talentos* melhor do que os cristãos. Aquele que esconde na terra o *talento* que lhe foi dado pelo seu "Senhor" perdê-lo-á, tal como o perde o asceta que põe na cabeça "salvar a sua alma" numa solidão egoísta. O "bom e leal servidor" que dobra o seu capital *colhendo para aquele que não semeou* porque não teve meios para o fazer, e que ceifa onde os pobres não puderam espalhar o grão, age em verdadeiro altruísmo. Ele receberá a recompensa - justamente porque trabalhou para outrem sem nenhuma ideia de compensação ou

reconhecimento. Esse é o verdadeiro Teósofo, enquanto o primeiro é um egoísta e um covarde.

O Farol sobre o qual se fixam os olhos de todos os verdadeiros teósofos é aquele que tem sido, em todos os tempos, o ponto de mira da alma humana aprisionada. Este farol, cuja luz não brilha sobre nenhuma das águas terrestres, mas que cintilou na escuridão profunda das águas primordiais do espaço infinito, é por nós chamado, bem como pelos teósofos primitivos, de "Sabedoria Divina". É a palavra final da doutrina esotérica. E, na antiguidade, qual era o país que se achasse digno de ser considerado civilizado e não possuísse o seu duplo sistema de SABEDORIA, do qual uma das partes era dirigida às massas e a outra a um pequeno número - o exotérico e o esotérico? Este nome SABEDORIA, ou, como por vezes chamamos, a "religião da sabedoria" ou *Teosofia*, é tão velha como a mente humana. O título de *sábios* - os sumo-sacerdotes deste culto da verdade - foi a sua primeira derivação. O epíteto transformou-se depois nos de *filosofia* e de *filósofos* - os "amantes da ciência" ou da sabedoria. Devemos a Pitágoras esse nome, como também o de *gnosis*, o sistema de $\eta \gamma \nu \omega \sigma \iota \zeta \tau \omega \nu \acute{o} \nu \tau \omega \nu$ "o conhecimento das coisas que são" ou da essência oculta sob a aparência exterior. Era sob este nome, tão nobre e tão correto na sua definição, que todos os mestres da antiguidade designavam o acervo dos conhecimentos humanos e divinos. Os sábios e *Brahmanes* das Índias, os magos da Caldeia e da Pérsia, os hierofantes do Egito e da Arábia, os profetas ou *nebi'im* da Judeia e de Israel, bem como os filósofos da Grécia e de Roma, sempre classificaram essa ciência especial em duas partes - a *esotérica*, ou a verdadeira, e a *exotérica*, revestida de símbolos. Até hoje, os Rabinos judeus designaram o corpo ou o veículo do seu sistema religioso sob o nome de *Merkabah*, aquilo que contém as ciências superiores, apenas acessíveis aos iniciados, e do qual ele não é senão a casca.

Acusam-nos de "mistério" e reprovam-nos por fazer segredo da teosofia superior. Confessamos que a doutrina a que chamamos *Gupta-vidya* (ciência secreta) é unicamente conhecida de muito poucos. Mas quais mestres da antiguidade não preservaram secretamente os seus ensinamentos, receando a sua profanação? Desde Orfeu e Zoroastro, Pitágoras e Platão, até aos Rosacruz e aos Franco-Maçons mais modernos, foi uma regra constante que o discípulo deveria ganhar a confiança do mestre antes de receber dele a palavra suprema e final. As religiões mais antigas sempre tiveram os seus mistérios maiores e menores. Os neófitos e os catecúmenos prestavam um juramento inviolável antes de serem aceites. Os Essênios da Judeia e do Monte Carmelo faziam o mesmo. Os *Nabi* e os *Nazars* (os "apartados", de Israel), como os *chelas* laicos e os *Brahmachârin* da Índia, diferiam bastante uns dos outros. Os primeiros podiam, e podem, casar-se e permanecer no mundo empreendendo o estudo dos escritos sagrados, até certos limites; os últimos, os *Nazars* e os *Brahmachârin*, sempre "prestaram voto" nos mistérios da iniciação. As altas escolas do Esoterismo eram internacionais, se bem que exclusivas - a prová-lo está o fato de Platão, Heródoto e outros terem ido ao Egito para ser iniciados; e tanto assim Pitágoras que, depois de ter visitado os *Brahmanes* da Índia, se deteve num santuário no Egito, e por fim se fez receber, segundo Jâmblico, no Monte Carmelo. Jesus seguiu o costume tradicional, e justificou-se da sua reticência citando o preceito bem conhecido:

Não deis aos cães as coisas santas,
nem deiteis aos porcos as vossas pérolas,
não aconteça que as pisem com os pés e,
voltando-se, vos despedacem ...
(*Mateus*, vii, 6)

Certos escritos antigos, conhecidos entre os bibliófilos, personificam a SABEDORIA representando-a como tendo sido emanada de AIN-SOPH, o Parabrahman dos Cabalistas Judeus, e como sendo a associada e companheira da Divindade manifestada. Daí o seu caráter sagrado entre todos os povos. A Sabedoria é inseparável da Divindade. Deste modo temos os *Vedas* emanando da boca do Brahmâ hindu (o *logos*). Buddha vem de *Budha*, "Sabedoria", inteligência divina. O *Nebo* babilónico, o *Thoth* de Mênfis, o Hermes grego, todos eles eram deuses da sabedoria esotérica.

A Atena grega, a Mêtis, e a Neith egípcia são os protótipos da Sophia-Akharnôth, a sabedoria feminina dos Gnósticos. O *Pentateuco* samaritano chama, ao livro do *Gênesis*, *Akhamauth*, ou "Sabedoria", do mesmo modo que dois fragmentos de manuscritos muito antigos, *A Sabedoria de Salomão* e *A Sabedoria de Iaseus* (Jesus). A obra conhecida como *Mashalin* ou "Discursos e Provérbios de Salomão" personifica a Sabedoria chamando-a "a assistente do (Logos) criador", nestes termos (traduzido *verbatim*):

I(a)HV(e)H possuiu-me desde o princípio, (13)
Mas eu fui a *primeira emanção* nas eternidades.
Surgi desde a antiguidade, a primordialidade.
Desde o primeiro dia da terra;
Nasci antes do grande abismo.
E num tempo em que não havia nem nascentes nem águas,
Quando os céus estavam a ser feitos, eu estava lá.
Quando foi traçado o círculo na face do abismo,
Eu estava lá com Ele, Amun.
Eu era o seu deleite, dia após dia. (14)

Isto é exotérico, como o que se refere aos deuses pessoais das nações. O INFINITO não pode ser conhecido pela nossa razão, a qual apenas pode distinguir e definir; - mas podemos sempre conceber a ideia abstrata, graças àquela faculdade mais elevada do que a razão - a *intuição*, ou o instinto espiritual de que venho falando. Os grandes iniciados que possuem a rara faculdade de *aceder* ao estado de *samãdhi* - o qual só muito imperfeitamente podemos traduzir pela termo êxtase, um estado em que se cessa de ser o "Eu" pessoal condicionado e se se volve um só com o TODO - são os únicos que podem *vangloriar-se* de ter estado em contacto com o *infinito*; mas não mais do que os outros mortais, não poderiam eles descrever esse estado por meio de palavras ...

Estes poucos traços da *verdadeira* Teosofia e das suas práticas são esboçados tendo em vista um pequeno número dos nossos leitores que possuem o dom da requerida intuição. Quanto aos outros, poderão não compreender-nos, ou mesmo rir-se-ão de tudo isto.

III

Será que os nossos amáveis críticos sabem sempre de que riem? Terão eles a mínima noção do trabalho que se opera no mundo inteiro e da mudança mental produzida por esta teosofia que os faz sorrir? O progresso alcançado graças à nossa literatura é evidente e, graças a certos teósofos infatigáveis, está a ser patente mesmo aos mais cegos. Há quem esteja convicto que a teosofia é a filosofia e o código moral, senão mesmo a religião, do futuro. Os retrógrados, adeptos do *dolce far niente* do conservadorismo, pressentem-no, e daí todos esses ódios e a perseguições, nos quais são ajudados pela crítica. Mas a crítica, inaugurada por Aristóteles, tem-se vindo a desviar do seu programa primitivo. Os antigos filósofos, esses sublimes ignaros em matéria da civilização moderna, quando criticavam um sistema ou uma obra, faziam-no com imparcialidade, e com o único objetivo de melhorar e aperfeiçoar aquilo que depreciavam. Estudavam primeiro o assunto, seguidamente o analisavam. Era um serviço que se prestava, aceite e reconhecido como tal, de parte a parte. Será que a crítica moderna respeita sempre esta regra de ouro? É bem evidente que não. Os juízes dos nossos dias encontram-se longe mesmo da crítica filosófica de Kant. A crítica fundada na impopularidade e no preconceito substituiu a da "razão pura"; e acaba-se por se estilhaçar tudo aquilo que se não compreende, sobretudo o que nem sequer se esforça por entender. No último século - a idade de ouro das "plumas de pato" -, a crítica foi por vezes bastante mordaz, mas ainda assim fazia-se justiça. Podia suspeitar-se da mulher de César, porém nunca ela foi condenada sem que primeiro se ouvisse a sua defesa. No nosso século, o Prêmio Montyon (15) e as estátuas públicas são para quem invente o engenho bélico mais mortífero; nos dias de hoje, quando a caneta-de-tinta-permanente substitui a sua humilde predecessora, as presas do tigre de Bengala ou as do terrível sáurio do Nilo infringiriam rasgos menos cruéis do que o faz o aparo metálico do crítico moderno, quase sempre perfeitamente ignorante do alcance do estrago que produz com tanto afínco.

Talvez sirva de consolação sabermos que a maioria dos críticos literários, sejam eles transatlânticos ou continentais, são ex-escrevinhadores que foram um *fiasco* no campo da literatura e que se vingam agora da sua mediocridade, sobre o que quer que seja que lhes apareça à frente. O vinho insípido e manipulado transforma-se quase sempre em vinagre bem amargo. Infelizmente os *repórteres* da imprensa, em geral - famintos de promoções (de quem ficaríamos desolados de privar dos seus honorários, mesmo os obtidos à nossa custa) não são os nossos únicos críticos nem os mais perigosos. Os fanáticos e os materialistas - as ovelhas e as cabras da religião - tendo-nos colocado, por seu turno, no seu *index expurgatorius*, fazem com que os nossos livros sejam exilados das suas bibliotecas, os nossos jornais *boicotados*, e nós próprios sujeitos ao ostracismo mais absoluto. Uma tal alma piedosa que aceite *literalmente* os milagres da Bíblia, seguindo com emoção as buscas

ictiográficas de Jonas no ventre da baleia, ou a jornada trans-etérica de Elias voando, qual salamandra, no seu carro de fogo, trata, no entanto, os teósofos como *traficantes de prodígios* e como *charlatães*. Outra tal - *alma danada* de Haeckel -, revelando uma *fé tão cega* quanto a do fanático, na crença da evolução do homem e do gorila a partir de um antepassado comum - na ausência total de qualquer indício, de um elo, na natureza, qualquer que fosse -, desmancha-se a rir quando descobre que o vizinho acredita em fenômenos ocultos e em manifestações psíquicas. Não obstante, nem o devoto nem o homem de ciência, nem mesmo o acadêmico, que se contam no número dos "Imortais", conseguem explicar-nos o menor dos problemas da existência. O metafísico que, por séculos, estudou o fenômeno do ser nos seus princípios primevos, e que sorriria piedosamente ao escutar as incoerências da Teosofia, ficaria bastante embaraçado se tivesse de explicar-nos a filosofia ou até a causa dos sonhos. Qual deles saberá dizer-nos por que razão todas as operações mentais (exceptuando-se o raciocínio, o qual, quando isolado, se encontra como suspenso e paralisado) funcionam, enquanto sonhamos, com a mesma intensidade e energia como quando estamos despertos? O discípulo de Herbert Spencer teria remetido aquele que lhe tivesse feito esta pergunta diretamente para o biólogo. Este último, para quem a digestão é o *alfa* e *ômega* de qualquer sonho, tal como a *histeria*, esse grande Proteu das mil formas, que age em todos os fenômenos psíquicos, não poderia, de forma alguma, dar-nos uma resposta satisfatória. A indigestão e a histeria são, efetivamente, irmãs gêmeas, duas deusas a quem o psicólogo moderno ergue um altar, ante o qual se constitui a si mesmo como oficiante.

De tudo isto resulta que: o Cristão, qualificando a Teosofia como a "ciência maldita" e o "fruto proibido"; o homem de ciência não vendo na metafísica senão o "domínio do poeta louco" (Tyndall); o *repórter* não tratando esse tema senão com pinças envenenadas; e o missionário associando-o com a idolatria do "hindu *emsombrado na noite*" - resulta pois, dizíamos nós, que a pobre *Theo-Sophia* é hoje tão mal entendida como acontecia quando os antigos a chamavam VERDADE, ao mesmo tempo que a lançavam no fundo de um poço. Mesmo os Cabalistas "Cristãos" que tanto gostam de se ver refletidos nas águas sombrias desse poço, malgrado nada aí mirem senão o reflexo puro e simples dos seus próprios rostos, que confundem com o da Verdade -, mesmo esses Cabalistas nos fazem guerra!... Não obstante, tudo isto não é razão para que a Teosofia não tenha nada a dizer em sua própria defesa e em seu próprio favor; ou que abdique de afirmar o seu direito a ser ouvida; ou que os seus leais e fiéis servidores devam render-se, derrotados, e negligenciar o seu dever.

A "ciência maldita", diz eis vós, Senhores Ultramontanos? Deveríeis lembrar-vos que, apesar de tudo, a árvore da ciência se encontra enxertada na árvore da vida; que o fruto que qualificais como "proibido", e que durante dezoito séculos anunciastes como sendo a causa do pecado original que trouxe a morte ao mundo - que esse fruto, cuja flor brotou de uma haste imortal, foi alimentado por esse mesmo tronco, e que ele é, portanto, o único que pode assegurar-nos a imortalidade. Vós, Senhores Cabalistas, ignorais - ou desejais negar - que a alegoria do paraíso terrestre é velha como o mundo, e que a árvore, o fruto, e o pecado tiveram outrora um significado bem mais filosófico e profundo do que têm hoje - que os segredos da iniciação se perderam ...

O Protestantismo e o Ultramontanismo opõem-se à Teosofia, tal como se opõem a tudo o que não emane deles; como o Calvinismo se opôs a que se substituíssem os seus dois *fétiches*, a Bíblia e o Sabat judaico, pelo Evangelho e o domingo cristão; como Roma se opôs ao ensino secular e à Franco-Maçonaria. A letra morta e a Teocracia tiveram, contudo, o seu tempo. O mundo deve avançar, e se isso não acontecesse estagnaria e morreria. A evolução mental progride, *pari passu*, com a evolução física, e as duas avançam em direcção à VERDADE UNA - que é o coração do sistema da Humanidade, tal como a evolução é o sangue. Que a circulação cesse por um momento, o coração parará, e tudo termina na máquina humana! E são os servidores do Cristo que querem matar ou, pelo menos, paralisar a Verdade, a golpes de maça, que tem por nome: "a letra que mata"! O que Coleridge afirmou sobre o despotismo político aplica-se mais ainda ao despotismo religioso. A Igreja ritualista - a menos que recolha a sua mão pesada, que carrega como um pesadelo sobre o coração oprimido de milhões de crentes *nolens volens*, e cujo pensamento se retrai paralisado pelas tenazes da superstição - está condenada a *ceder o seu lugar à religião* e a ... morrer. Em breve terá que fazer a sua escolha. Pois, tão logo as pessoas sejam esclarecidas sobre a Verdade que ela vela com tanto empenho, das duas uma: ou bem que ela perecerá *através e pela mão* do povo; ou então, se as massas forem mantidas na ignorância e na escravidão da letra morta - ela perecerá *com* o povo. Será que os servidores da Verdade eterna - que por eles foi transformada num esquilo correndo à volta da roda eclesiástica - se mostrarão suficientemente *altruístas* para escolher a primeira destas duas necessidades? Quem sabe!

Repito: só a teosofia, bem compreendida, pode salvar o mundo do desespero, reproduzindo a reforma social e religiosa outrora já conseguida na história por Gautama Buda: uma reforma pacífica, sem uma gota de sangue derramado, que permitirá a toda a gente permanecer na fé dos seus antepassados se for essa a sua escolha. Para fazer isto, só teremos que rejeitar as plantas parasitas de fabrico humano que no momento presente estão a sufocar todas as religiões e cultos do mundo. Aceitemos apenas a essência - que é a mesma em todos eles: ou seja, o espírito que vivifica e torna imortal o homem no qual reside. Que cada homem, inclinado a fazer o bem, encontre o seu ideal, uma estrela no seu horizonte para o guiar. Que ele a siga sem se desviar do seu caminho, e certamente alcançará o "farol" da vida - a VERDADE: pouco importa que a tenha buscado e encontrado no fundo de um viveiro ou no de um poço ...

IV

Que se riam, portanto, da ciência das ciências antes de conhecerem a primeira palavra. Dir-nos-ão que é o direito literário dos Senhores que nos criticam. Folgo que assim seja. É certo que, se as pessoas falassem sempre sobre aquilo que entendem, diriam apenas aquilo que é verdade, e - isso nem sempre seria assim tão divertido. Quando leio as críticas que se vão tecendo sobre a Teosofia, os lugares comuns e as piadas de mau gosto sobre a mais grandiosa e sublime filosofia do mundo - um dos aspectos da qual, só pode ser achado na nobre ética dos Filaleteanos -, interrogo-me se as Academias de algum país alguma vez

entenderam melhor a teosofia dos filósofos de Alexandria, do que nos compreendem a nós atualmente? O que se sabe, o que se poderá saber da teosofia universal, se não se tiver estudado sob a orientação dos mestres da Sabedoria? E compreendendo-se tão pouco Jâmblico, Plotino e mesmo Proclo, ou seja a teosofia do terceiro e quarto séculos, não obstante fabricam-se críticas à neo-teosofia do século XIX!

A Teosofia, afirmamos, vem-nos do Extremo Oriente, tal como a Teosofia de Plotino e Jâmblico, e mesmo dos mistérios do antigo Egito. Não nos dizem Homero e Heródoto, de fato que os antigos Egípcios eram os "Etíopes do Oriente", *que vieram de Lankâ ou Ceilão*, segundo as suas descrições? Com efeito, é geralmente aceite que o povo a quem estes dois autores chamam "Etíopes do Oriente" não eram senão uma colônia de Arianos de pele mais escura, os Dravidianos do sul da Índia, que levaram consigo para o Egito uma civilização estruturada. Isto passou-se durante o período pré-histórico que o Barão Bunsen chama pré-menita (antes de Menes), mas que tem uma história própria, que pode ser encontrada nos velhos *Anais* de Kullûka-Bhatta. Além disso, à parte dos ensinamentos esotéricos, que não são divulgados a um público que escarnece, as pesquisas históricas do Coronel Vans Kennedy, o grande rival sanscritista das Índias do Dr. Wilson, mostram-nos que a Babilônia pré-Assíria era o centro do Bramanismo, e do sânscrito como língua sacerdotal." Também sabemos, a acreditar no Êxodo, que o Egito tinha, muito antes do tempo de Moisés, os seus adivinhos, os seus hierofantes e os seus magos, quer isto dizer, antes da XIX^a. Dinastia. Para finalizar, Brugsch-Bey vê, em muitos dos deuses do Egito, emigrantes de além do mar Vermelho e do grande Oceano Índico.

De qualquer modo, a teosofia descende em linha direta da grande árvore da GNOSE universal, árvore cujos ramos luxuriantes se estendem sobre toda a terra, como um grande dossel, abrigando à sua sombra numa época - que a cronologia bíblica se compraz de chamar antediluviana - todos os templos e todas as nações. Essa Gnose representa o agregado de todas as ciências, o *saber* acumulado de todos os deuses e semi-deuses encarnados alguma vez sobre a terra. Há quem queira ver neles os anjos caídos ou o inimigo da humanidade; estes filhos de Deus, vendo que as filhas dos homens eram formosas, tornaram-nas por esposas e partilharam com elas todos os segredos do céu e da terra. Que façam como entenderem. Acreditamos em Avatares e nas dinastias divinas, na época em que havia, de fato, "gigantes sobre esta terra", mas repudiamos inteiramente a ideia de "anjos caídos" ou de Satan e seus exércitos.

- "Qual é então a vossa religião ou a vossa crença?" - perguntam-nos. "O que estudam, de preferência?"

- "A VERDADE", respondemos. A verdade onde quer que a encontremos; porque tal como Amônio Saccas, a nossa maior aspiração será reconciliar todos os diferentes sistemas religiosos, ajudar cada um deles a encontrar a Verdade no seio do seu próprio credo, ao mesmo tempo obrigando-se ao reconhecimento da Verdade no do seu vizinho. Que interessa o nome se a essência é a mesma? Plotino, Jâmblico e Apolônio de Tiana possuíam, segundo se diz, todos os três, os dons maravilhosos da profecia, da clarividência e da cura, e no entanto pertenciam a três escolas diferentes. A profecia era uma arte cultivada não apenas pelos Essênios, como pelos *benim nabim* entre os Judeus, e bem assim pelos sacerdotes dos oráculos *pagãos*. Os discípulos de Plotino atribuíam ao seu mestre poderes

miraculosos; Filostrato invocou o mesmo em relação a Apolônio, e de Jâmblico se dizia que ultrapassava todos os outros Ecléticos na teurgia teosófica. Amônio declarou que toda a SABEDORIA moral e prática se achava contida nos livros de Thoth ou Hermes Trimegisto. Mas "Thoth" significa "um colégio", escola ou assembleia, e as obras sob esse nome, segundo *Theodidaktos*, eram idênticas às doutrinas dos sábios do extremo Oriente. Se Pitágoras recebeu os seus conhecimentos da Índia (onde ele é mencionado nos velhos manuscritos sob o nome de *Yavanâchârya* (17), o "Mestre Grego"), Platão adquiriu os seus dos livros de Thoth-Hermes, Como o jovem Hermes, o deus dos pastores, cognominado "o bom pastor" - que presidia aos modos de adivinhação e clarividência - se torna idêntico a Thoth (ou Thot), o sábio deificado e autor do *Livro dos Mortos* - somente a doutrina esotérica poderá revelar aos orientalistas.

Cada país teve os seus Salvadores. Aquele que dissipar as tréguas da ignorância com a ajuda do archote da ciência, desvelando assim a verdade, merece tanto esse título assinalando a nossa gratidão, como o merece aquele que nos salva da morte curando o nosso corpo. Ele desperta na nossa alma dormente a faculdade de distinguir o verdadeiro do falso, acendendo nelas a chama divina até esse momento latente, e tem direito à nossa reverência e gratidão, porque se tornou no nosso criador. Que interessa o nome ou o símbolo que personifica a ideia abstrata, se essa ideia é sempre a mesma e a verdadeira?! Que o símbolo concreto suporte um nome ou um outro, que o salvador no qual se acredita tenha, como nome terrestre, Krishna, Buddha, Jesus ou Asclépio (cognominado também de "deus salvador") -, só temos de nos lembrar de uma coisa: os símbolos das verdades divinas não foram inventados para entretenimento do ignorante; eles são o *alfa* e o *ômega* do pensamento filosófico.

Sendo a Teosofia o caminho que conduz à verdade, em cada culto religioso como em toda a ciência, o ocultismo é, por assim dizer, a pedra de toque e o solvente universal. É o fio de Ariadne dado pelo mestre ao discípulo que valorosamente se adentra no labirinto dos mistérios do ser; é o facho que o ilumina quando percorre o perigoso dédalo da vida, é o eterno enigma da esfinge. Mas a luz desprendida deste facho só pode ser percebida pela visão da alma desperta e pelos nossos sentidos espirituais; ela cega o materialista, tal como o sol cega a coruja.

E não tendo dogmas nem rituais - porquanto ambos são um entrave, como o corpo material que sufoca a alma -, nós não praticamos nunca a "magia cerimonial" dos Kabalistas ocidentais; conhecemos os seus perigos demasiado bem para alguma vez a adotarmos. Na S.T. cada membro é livre de estudar o que lhe aprouver, conquanto não enverede por caminhos desconhecidos que o conduziriam inevitavelmente à *magia negra*, à feitiçaria contra a qual Eliphas Levi adverte tão acerrimamente o seu público. As ciências ocultas são um perigo para aqueles que as não compreendem perfeitamente. Todo aquele que se entregar à sua prática, desacompanhado, incorre no risco de perder a razão; assim, prudentemente, os que a estudam fariam bem em juntar-se em pequenos grupos de três a sete. Estes grupos devem integrar um número ímpar de membros, para terem mais força; se um grupo formar um único corpo solidário, onde os sentidos e as percepções individuais se complementem e entremudem - quer dizer, um suprimindo ao companheiro a qualidade que a este falte -, acabará por edificar um corpo perfeito e

invencível. "A união faz a força." A moral da fábula do velho que lega aos seus filhos um feixe de varas que não devem jamais ser separadas, é uma verdade que se manterá perenemente axiomática.

V

"Os discípulos (Lanous) da lei do *Coração de Diamante* (magia) ajudar-se-ão mutuamente nas suas lições. O gramático estará ao serviço daquele que busca a alma dos metais (químico)", etc., etc. (Catecismo do *Gupta-Vidyâ*).

Os profanos rir-se-ão se lhes disserem que, nas Ciências Ocultas, um alquimista pode ser útil ao filólogo e *vice-versa*. Eles compreenderão, quiçá melhor, o assunto, se lhes disser que por este substantivo - gramático, ou filólogo - queremos designar aquele que estuda a linguagem universal dos Símbolos correspondentes; embora apenas os membros da "Secção Esotérica" da Sociedade Teosófica possam compreender com clareza o que significa o termo filólogo, neste sentido. Todas as coisas na natureza se correspondem, ligam e dependem entre si, mutuamente. No seu sentido abstrato, a Teosofia é o raio branco de onde nascem as sete cores do espectro solar, cada ser humano assimilando em maior grau um destes raios do que qualquer dos outros seis. Por conseguinte, sete pessoas, cada uma delas [veiculadora] do seu próprio raio especial, podem ajudar-se mutuamente. Tendo ao seu serviço o *feixe* septenário de raios, terão assim as sete forças da natureza à sua disposição. Segue-se também que, para atingir este fim, a escolha das sete pessoas que irão formar o grupo deve ser entregue a um entendido - um iniciado na Ciência dos raios ocultos.

Mas eis-nos pisando um terreno perigoso, onde a Esfinge esotérica corre fortemente o risco de ser acusada de mistificação. Entretanto, a Ciência oficial nos fornece, ela própria, uma prova da verdade daquilo que sustentamos, e encontramos a corroboração disso na astronomia física e materialista. O sol é só um, e a sua luz irradia para todos; ela aquece tanto o ignorante como o astrônomo especializado. Quanto às hipóteses sobre a constituição e natureza da nossa luminária - o seu número é imenso. Nem uma só destas hipóteses encerra toda a verdade, ou mesmo uma aproximação dela. Com frequência, constituem apenas ficção, que em breve será substituída por outra. Já que ... em geral, é às teorias científicas que são aplicáveis, melhor do que a qualquer outra coisa no mundo, estes versos de Malherbe.

" ... e rosa, ela viveu o tempo que vivem as rosas,
o tempo de uma manhã." (18)

Não obstante, adornem elas, ou não, o altar da ciência, cada uma destas teorias pode conter um fragmento de verdade. Triadas, comparadas e analisadas, tidas em conjunto, todas estas hipóteses poderão fornecer, algum dia, um axioma astronômico, um fato na natureza, em lugar de uma quimera num cérebro científico.

Isto está longe de querer dizer que aceitamos como um fragmento da verdade todos

os axiomas proclamados como tal pelas academias. Exemplos, designadamente, são a evolução e as transformações fantasmagóricas das manchas solares - a teoria de Nasmyth, do momento presente. Sir William Herschel começou por ver nelas os habitantes do sol, belos e gigantescos anjos. Sir John Herschel, mantendo um silêncio prudente sobre estas salamandras divinas, partilhava a opinião do Herschel mais velho, de que o globo solar nada mais era do que uma bela metáfora, uma *mâyâ* - enunciando assim um axioma oculto. As manchas solares encontraram o seu Darwin em cada astrônomo com alguma notoriedade. Foram sucessivamente tomadas por espíritos planetários, mortais solares, colunas de fumo vulcânico (engendradas, é de crer, pelos cérebros acadêmicos), nuvens opacas, e finalmente por sombras em forma de folhas de salgueiro (*teoria das folhas de salgueiro*). Nos dias de hoje o deus *Sol* está degradado. Ao ouvirmos falar os homens de ciência, ele não é mais que um carvão gigantesco, ainda em brasa, mas prestes a extinguir-se no centro do nosso pequeno sistema!

O mesmo acontece a respeito de especulações publicadas por membros da Sociedade Teosófica, em que os seus autores, embora pertencendo à fraternidade teosófica, nunca estudaram as verdadeiras doutrinas esotéricas. Tais especulações nunca poderão ser outra coisa que não hipóteses, apenas coloridas com um débil raio de verdade, envoltas num caos de fantasia e extravagância. Ao seleccioná-las e ao colocá-las lado a lado, podemos, não obstante, conseguir extrair destas ideias uma verdade filosófica. Pois, e concluímos, a Teosofia possui a mais, face à ciência comum, a capacidade de examinar o *reverso* de toda a verdade aparente. Esmiúça e analisa cada fato apresentado pela ciência física, não buscando senão a essência e a constituição última e oculta em toda a manifestação cósmica e física, seja ela do domínio moral, intelectual ou material.

Em suma, a Teosofia inicia as suas investigações lá onde os materialistas terminam as suas.

- "É então a metafísica, aquilo que nos ofereceis?". "Por que não dizê-lo logo?" - objetar-nos-ão.

Não, não se trata de metafísica, tal como é em geral compreendida, embora por vezes desempenhe esse papel. As especulações de Kant, de Leibnitz e de Schopenhauer são do domínio metafísico, bem como as de Herbert Spencer. No entanto, quando se estudam estes últimos, não podemos evitar de *sonhar* com a Dama Metafísica participando no baile de máscaras da Academia das Ciências, com o seu nariz postiço. A metafísica de Kant e de Leibnitz - tal como o demonstram as "suas" mônadas - está tão acima da metafísica dos nossos dias como um balão nas nuvens está acima duma abóbora vazia largada num terreiro. É bem certo que, ainda que o balão possa encontrar-se num plano superior ao da abóbora, é ele demasiado artificial para servir de veículo à Verdade das ciências ocultas. Esta é uma deusa talvez demasiadamente decotada para poder adequar-se ao gosto dos nossos sábios tão modestos. A metafísica Kantiana fez descobrir ao seu autor, sem o mínimo recurso aos métodos de hoje ou a instrumentos aperfeiçoados, a identidade da constituição e da essência do sol e dos planetas; Kant *afirmou-o*, quando os melhores astrólogos, mesmo os da primeira metade deste século, ainda o *negavam*. Mas esta mesma metafísica não foi melhor sucedida em demonstrar-lhe - não mais do que tivesse ajudado a física moderna a descobrir (apesar dos seus esforços tão estridentes) - a verdadeira natureza dessa essência.

Por conseguinte, a Teosofia, ou melhor, as ciências Ocultas que esta estuda, são algo mais do que uma simples metafísica. É, se nos é permitido usar este duplice termo, meta-metafísica, meta-geometria, etc. etc. ou um universalismo transcendental. A Teosofia rejeita inteiramente o testemunho dos sentidos físicos, se eles não se fundarem no que as percepções espirituais e psíquicas nos proveem. Quer se trate da clarividência e da clariaudiência mais desenvolvidas, o testemunho *final* de ambas será rejeitado, a menos que estes termos não tenham como significado a $\phi\omega\tau\delta\varsigma\iota$ de Jámblico, ou a iluminação extática, o $\alpha\gamma\omega\gamma\eta\ \mu\alpha\nu\tau\epsilon\iota\alpha$ de Plotino e de Porfírio. O mesmo se aplica no campo das ciências físicas; a evidência da razão no plano terrestre, como a dos nossos *cinco* sentidos, ambas devem receber o *imprimatur* do sexto e do sétimo sentidos do Ego divino, antes que um fato possa ser aceite pelo verdadeiro ocultista.

A ciência oficial ouve o que nós dizemos e ... ri. Lemos os seus relatórios, assistimos às apoteoses do seu autoproclamado progresso, às suas grandes descobertas - das quais, mais do que uma, enquanto vêm enriquecendo ainda mais o pequeno número dos ricos, mergulharam milhões de pobres numa miséria ainda mais devastadora - e deixamos tudo na mesma, entregue nas suas mãos. Mas, constatando que no seu conhecimento da matéria primitiva, a ciência física não deu nem um só passo depois de Anaxímenes e da Escola Jônica - é a nossa vez de sorrir.

Nessa direção, os melhores trabalhos e as descobertas científicas mais valiosas deste século pertencem, sem lugar a dúvidas, ao grande sábio e químico, M. William Crookes (19).

Neste caso, a sua intuição assaz notável das verdades ocultas, foi-lhe mais útil do que a sua erudição na ciência física. Não foram certamente nem os métodos científicos, nem a rotina oficial, que lhe possibilitaram muito da sua descoberta acerca da matéria radiante, ou no campo das suas pesquisas sobre o *protyle* (20), ou a matéria primordial.

VI

Aquilo que os Teósofos *pertencentes* à ciência oficial e ortodoxa se esforçam por realizar nesse seu domínio, os ocultistas ou os Teósofos do "grupo interno" estudam de acordo com o método da escola esotérica. Se até ao presente este método somente demonstrou a sua superioridade a esses estudantes, ou seja, àqueles que estão obrigados por juramento a nunca o revelarem, esta circunstância nada prova a seu desfavor. Não só as palavras *magia* e *teurgia* nunca foram sequer aproximadamente compreendidas, como também o entendimento do termo *Teosofia* foi desvirtuado. As definições que se lhes atribuem nas enciclopédias e nos dicionários são não só absurdas como grotescas. Webster, por exemplo, explica a palavra *Teosofia* asseverando aos seus leitores que designa "uma ligação direta ou comunicação com Deus e os Espíritos superiores"; seguidamente, afirma que é "a aquisição de conhecimentos e de poderes *sobre-humanos e sobrenaturais por processos físicos* [!?] como os que se praticam nas cerimônias teúrgicas dos Platônicos, ou os processos químicos dos filósofos do Fogo germânicos". Ora isto não é mais do que uma

verborreia desprovida de sentido. É tal como se se dissesse ser possível transformar uma massa encefálica de um *mentecapto* num cérebro como o de Newton, nele fazendo nascer o gênio matemático, se diariamente se percorrerem cinco léguas montado num cavalo de madeira.

A Teosofia é sinónimo da *Jñâna- Vidyâ* e da *Brahma- Vidyâ* (21) dos Hindus, e do *Dzyan* dos adeptos trans-himalaicos, a ciência dos *verdadeiros* Râja-Yogis, que são bem mais acessíveis do que se pensa. Esta ciência tem muitas escolas no Oriente mas as suas ramificações são ainda mais numerosas, cada uma delas tendo-se separado do tronco-materno - a SABEDORIA ARCAICA - e variado na sua forma.

Mas enquanto que estas formas variavam, desviando-se cada vez mais, a cada nova geração, da Luz da Verdade, o fundo das verdades iniciáticas permaneceu intacto. Os símbolos usados para designar a mesma ideia podem diferir, mas, no seu sentido oculto, exprimem sempre a mesma ideia. Ragon, o Maçon mais erudito entre os "Filhos da Viúva", disse-o bem. Existe uma linguagem sacerdotal, a "linguagem dos mistérios", e a menos que se a conheça bem, não se poderá ir muito longe nas ciências ocultas. Segundo ele, "construir ou fundar uma cidade" tinha o mesmo significado que "fundar uma religião"; assim, esta frase, em Homero, é a equivalente àquela nos *Brâhmanas*, onde se fala de distribuir "o néctar do Soma". Significa "fundar uma escola esotérica", não "uma religião", como Ragon sugere. Será que ele se enganou? Pensamos que não. Mas tal como um teósofo do círculo esotérico não ousaria dizer a um membro comum da Sociedade Teosófica aquilo que prometeu guardar segredo, do mesmo modo Ragon ter-se-á visto obrigado a não revelar senão meias-verdades aos seus trinósofos. E mais que certo, contudo, que ele estudou, pelo menos de um modo elementar, a LINGUAGEM DOS MISTÉRIOS.

"Como fazer para a aprender?" - poder-se-á perguntar. Respondemos: estudem e comparem todas as religiões. Para a aprender a fundo, é necessário ter um instrutor, um mestre, um *guru*; para ter êxito contando apenas consigo próprio, é preciso mais do que "gênio"; é necessária uma "inspiração" como foi a de Amônio Saccas. Encorajado, na Igreja, por Clemente de Alexandria e por Atenágoras, protegido pelos sábios da Sinagoga e da Academia, e adorado pelos Gentios, "Amônio apreendeu a *linguagem dos* Mistérios em ensinando a origem comum de todas as religiões, e uma religião comum". Ensinava, na sua escola, seguindo os antigos cânones de Hermes que Platão e Pitágoras haviam perfilhado tão bem e de acordo com os quais desenvolveram as suas respectivas filosofias. Devemos surpreender-nos se, encontrando nos primeiros versículos do Evangelho Segundo S. João as mesmas doutrinas que nos três sistemas filosóficos supra mencionados, ele tenha concluído, com manifesta razão, que a intenção do grande Nazareno fora restaurar a ciência sublime da velha Sabedoria em toda a sua integralidade primitiva? Pensamos do mesmo modo que Amônio. As narrativas bíblicas e as histórias sobre os deuses só têm duas explicações possíveis: ou estas narrativas e estas histórias são grandes e profundas alegorias, que ilustram verdades universais, ou então são contos e fábulas, bons para fazer adormecer os ignorantes.

Por conseguinte, as alegorias - tanto as judaicas como as pagãs -, todas elas veiculam verdades e não podem ser entendidas senão por quem conheça a linguagem

mística da antiguidade. Vejamos o que diz, a este respeito, um dos nossos mais ilustres teósofos, um Platônico fervoroso e um Hebraísta, que conhece o grego e o latim como se fosse a sua própria língua, o professor Alexander Wilder, de Nova Iorque: (22)

"A ideia anterior dos Neo- Platônicos era a existência de uma só e suprema Essência. Era o *Diu*, ou "Senhor dos Céus", das nações Arianas, Idêntico ao *law (laô)* dos Caldeus e dos Hebreus, ao *labe* dos Samaritanos, ao *Tiu* ou *Tuisto* dos Noruegueses, ao *Duw* das antigas tribos das Ilhas Britânicas, ao *Zeus* das da Trácia, e ao *Júpiter* dos Romanos. É o *Ser* - (Não-Ser), o *Facit*, único e supremo. É dele que procederam todos os outros seres por *emanação*. Os modernos substituíram a esta, assim parece, a sua teoria *de evolução*. Talvez um dia algum homem mais sábio, mais perspicaz do que eles, possa fundir estes dois sistemas num só. Os nomes destas diferentes divindades parecem muitas vezes ter sido inventados com pouca ou nenhuma relação com a sua significação etimológica, mas principalmente devido a este ou aquele sentido místico, ligado ao significado numérico das letras empregues na sua ortografia".

Este significado *numérico* é um dos ramos da "linguagem de Mistério" ou a antiga linguagem sacerdotal. Era ensinado nos "Mistérios Menores" mas a linguagem propriamente dita era reservada somente aos altos iniciados. O candidato tinha de sair vitorioso das terríveis provas dos Mistérios Maiores, antes de receber instrução. Era por esta razão que Amônio Saccas, tal como Pitágoras, fazia os seus discípulos prestar juramento de jamais divulgar as doutrinas superiores a ninguém que não tivesse sido já instruído nas doutrinas preliminares e não estivesse pronto para a iniciação. Um outro Sábio, que viveu trezentos anos antes dele, fez o mesmo com os seus discípulos, dizendo-lhes que lhes falava "por similitudes" (ou parábolas) "porque vos foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não ... , "Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem". (*Mateus*, XIII, 11, 13)

Por conseguinte, as "similitudes" empregues por Jesus faziam parte da "linguagem dos Mistérios", a língua sacerdotal dos Iniciados. Roma perdeu a sua chave: ao rejeitar a teosofia e ao lançar o seu anátema sobre as ciências ocultas, perdeu-a para sempre.

"Amai-vos uns aos outros", disse esse grande Mestre àqueles que estudavam os mistérios "do reino de Deus". "Professai o altruísmo, preservai a união, o acordo e a harmonia nos vossos grupos, todos vós que vos alinhais nas fileiras dos neófitos e dos buscadores da VERDADE ÚNICA" - nos dizem outros Mestres. "Sem união e simpatia intelectual e física, não chegareis a parte alguma. Aquele que semeia discórdia, colhe tempestades ... "

Kabalistas eruditos e profundos conhecedores do *Zohar* e dos seus numerosos comentários, não faltam entre os nossos membros, nem na Europa, nem sobretudo na América. A que nos leva isso, e que bem fizeram eles até hoje em prol da Sociedade para a qual se propuseram trabalhar desde que nela entraram? A maior parte deles, em lugar de unir-se e entreatujadar-se, olham-se de soslaio; os seus membros estão sempre prontos a zombar uns dos outros e a criticar-se mutuamente. A inveja, o ciúme, e um sentimento de rivalidade dos mais deploráveis, reinam, supremos, numa Sociedade cujo objetivo principal

é a fraternidade; "vede como esses Cristãos se amam!" - diziam os pagãos nos primeiros séculos, os padres da Igreja, daqueles que se matavam entre si em nome do Mestre que lhes tinha legado a paz e o amor. Os críticos e os indiferentes começam a dizer o mesmo dos Teósofos, e têm razão. Vejam no que se tornaram os nossos jornais e revistas: todos, exceto o *The Path* de Nova Iorque; - mesmo o *The Theosophist*, a mais antiga das nossas publicações mensais, não fazem outra coisa - desde que há cinco meses atrás o Presidente fundador partiu para o Japão - senão atingir à esquerda e à direita os seus colegas e teósofos. Em quê somos nós melhores do que os Cristãos dos primeiros Concílios?

"A união faz a força". - Eis aqui uma das razões da nossa fraqueza. Somos aconselhados a não lavar a nossa roupa suja em público? Eu penso o contrário. Vale mais confessar as próprias imperfeições perante o mundo, por outras palavras, *lavar a própria roupa suja, do que sujar a roupa dos seus irmãos em teosofia*, como alguns gostam de fazer. Falemos no geral, confessemos as nossas próprias faltas, denunciemos tudo o que não é teosófico ... tal apenas diz respeito ao *karma* de cada um, e as publicações teosóficas nada têm de se imiscuir.

Aqueles que desejam ser bem-sucedidos na teosofia - abstrata ou prática - devem lembrar-se que a desunião é a primeira condição do insucesso. "Reúnam-se uma dúzia de Teósofos determinados e unidos. Trabalhem coletivamente, cada um seguindo o seu gosto neste ou naquele ramo da ciência universal, se assim o preferirem, mas que cada um se sinta em empatia com o seu vizinho. Isto não fará senão bem mesmo nas fileiras dos membros comuns, que não aspiram a pesquisas filosóficas. Se um tal grupo, escolhido segundo as regras esotéricas, se formasse apenas entre místicos, e se eles empreendessem juntos a busca da Verdade entreajudando-se com as suas iluminações recíprocas, asseguramos que cada membro de um tal grupo progrediria mais na ciência sagrada num ano, do que o faria sozinho em dez anos. Em teosofia, o que é preciso é a emulação e não a rivalidade; caso contrário, aquele que se vangloria de ser o primeiro, será o último a chegar. Na verdadeira Teosofia, é sempre o mais pequeno que se torna no maior.

Entretanto, a Sociedade Teosófica conta com mais discípulos *vito*-riosos do que geralmente se pensa. Estes, porém, reservam-se ... e trabalham em vez de pregar. São os nossos teósofos mais zelosos e os mais dedicados. Quando escrevem um artigo, eles esquecem os próprios nomes e usam pseudônimos. Entre eles, alguns há que conhecem a linguagem dos mistérios na perfeição, e um tal livro antigo ou manuscrito indecifrável para os nossos acadêmicos, ou que lhes pareça apenas um amontoado de erros atentatórios à moderna ciência, é para eles como um livro aberto.

Este pequeno número de homens e mulheres dedicados são os pilares do nosso templo. Só eles detêm o incessante trabalho das nossas "térmitas" teosóficas.

VII

E agora, cremos ter já refutado suficientemente, nestas páginas, vários erros graves sobre as nossas doutrinas e crenças; entre eles, aquele que pretende ver nos

teósofos - pelo menos naqueles que fundaram a Sociedade -, politeístas ou ateus. Não somos nem uma coisa nem outra; não mais do que o foram certos gnósticos, que crendo plenamente na existência de deuses planetários, solares e lunares, nem por isso lhes dedicaram orações nem lhes erigiram altares. Não acreditando num Deus pessoal, *afora o homem que é o templo*, de acordo com São Paulo e outros Iniciados - nós acreditamos num Princípio impessoal e absoluto (24), tão para lá das concepções humanas, que só poderíamos considerar como louco presunçoso ou blasfemador quem pretendesse definir este grande mistério universal! Tudo o que nos é ensinado sobre este princípio eterno e sem par, é que não é espírito, nem matéria, nem substância, nem pensamento, mas o *contenedor de tudo* isso, o *contenedor absoluto*. É, numa palavra, o "Deus nada" de Basíledes, tão pouco compreendido mesmo entre os eruditos e conceituados analistas do Museu Guimet (tomo XIV), (25) que zombeteiramente definem este termo, designando um "deus Nada que tudo ordenou, tudo previu, embora não tivesse nem razão nem vontade".

Sim, certo, e este "Deus Nada", sendo idêntico ao Parabrahman dos vedantinos - a mais filosófica como mais grandiosa das concepções - é também idêntico ao AIN-SOPH dos Kabalistas judeus. Este é também "o deus que não é", "Ain" significando *não-ser* ou o absoluto, o NADA ou τὸ οὐδὲν ἐμ de Basíledes; significando que a inteligência humana, sendo limitada neste plano material, não pode conceber algo que é, mas que não existe sob qualquer tipo de forma. Estando a ideia de um tal *ser* limitada a *alguma coisa* que existe - seja em substância (atual ou potencial), seja na natureza das coisas ou nas nossas ideias somente -, aquilo que não pode ser compreendido pelo nosso intelecto que condiciona todas as coisas, *não existe para nós*.

- "Onde colocareis então o Nirvana, ó grande Arhat?" - indaga um rei a um venerável asceta budista, a quem questiona a respeito da Boa Lei.

- "Em parte alguma, oh grande Rei!" - foi a resposta.

- "Então o Nirvâna não existe?"

- "O Nirvana é, mas não existe".

O mesmo se aplica em relação ao Deus "que não é", uma pobre tradução *literal*, já que deveríamos ler esotericamente o "*deus que não existe mas que é*". Pois a raiz de οὐδὲν é οὐδεὶς, e significa "e não qualquer um", querendo dizer que aquilo de que se fala não é uma *pessoa* ou *alguma coisa*, mas a negação de ambas (le οὐδὲν, neutro, e empregue como advérbio: "*em nada*"). Por conseguinte o *to ouden en* de Basíledes é absolutamente idêntico ao En ou *Ain-Soph* dos kabalistas. Na metafísica religiosa dos Hebreus, o Absoluto é uma abstração, "sem forma nem existência", "sem qualquer similitude com o que quer que seja" (Franck, *La Kabbale*, p. 173). Deus, portanto, é NADA, sem nome, como sem qualidades; é por esta razão que lhe chamam AIN-SOPH, pois a palavra Ain significa nada.

Não é este Princípio imutável e absoluto - o qual é apenas a potencialidade de ser -, que emana os deuses, ou princípios ativos do mundo manifestado. Não tendo o Absoluto, nem podendo ter, qualquer relação com o condicionado ou o limitado, as emanações têm origem no "Deus que fala" de Basilides: ou seja, o *logos*, que Fílon chama "o segundo Deus" e o Criador das formas. "O segundo Deus é a Sabedoria do Deus UNO" (*Quaest. et Solut.*, Livro II, 62). "Mas este *logos*, esta 'sabedoria', é uma emanação? Objetaremos. "Fazer

emanar alguma coisa de NADA é um absurdo!" Nada disso. Em primeiro lugar, este "nada" é um *nada* porque é o *absoluto* e, por conseguinte, o TODO. Depois, este "segundo Deus" não é mais uma emanação do que a sombra que o nosso corpo projeta numa parede branca, que também não é uma emanação deste corpo. Em todo o caso, este Deus não é o efeito de uma causa ou de um ato deliberado, duma vontade consciente e premeditada. É apenas o efeito periódico (26) de uma lei eterna e imutável, para além do tempo e do espaço, de que o *logos* ou inteligência criativa é a *sombra* ou o *reflexo*.

- "Mas é absurda, essa ideia!" - Ouvimos dizer a todos aqueles que acreditam num Deus pessoal e antropomórfico. "Dos dois - o homem e a sua sombra - é esta última que é o *nada*, uma ilusão de óptica, e o homem que a projeta é a inteligência criadora, se bem que neste caso seja passiva!".

- Muito bem, mas é assim apenas no nosso plano, onde tudo não é mais do que ilusão; onde tudo parece ao *inverso*, como aquilo que é refletido num espelho. Ou, como o plano do que é real, ante as nossas percepções desvirtuadas pela matéria, é o *não-real*. Do ponto de vista da realidade absoluta, o universo com os seus seres conscientes e inteligentes é apenas uma pobre fantasmagoria, e por conseguinte é a sombra do Real, no plano deste último, que é dotado de inteligência e de atributos, enquanto o absoluto - do nosso ponto de vista - se encontra privado de todas as qualidades condicionais, *justamente pelo fato de ser absoluto*. Não é necessário ser inteiramente versado na metafísica oriental para compreendê-lo; e tão-pouco é um requisito essencial ser um paleógrafo ou um paleólogo brilhantes para entrever que o sistema de Basíides é o dos Vedantinos (conquanto, sobre tal, algo possa ter sido desfigurado pelo autor do *Philosophumena*). Isto é-nos cabalmente provado através mesmo do resumo fragmentário dos sistemas gnósticos, que esta obra nos oferece. Só a doutrina esotérica nos pode explicar tudo o que de incompreensível e caótico se acha no *incompreendido* sistema de Basíides, conforme nos foi transmitido pelos Padres da Igreja, esses algozes das *Heresias*. O *Pater innatus* ou o Deus não engendrado, o grande *Archon Αρχων*, e os dois Demiurgos, mesmo os trezentos e sessenta e cinco céus, o número contido no nome de Abraxas, o seu governador, tudo isso derivou dos sistemas Hindus. Mas tudo é negado no nosso século de pessimismo, em que tudo se move a vapor, mesmo a própria vida, onde também nada de abstrato interessa senão a alguns raros *excêntricos*, e onde o homem acaba por morrer sem ter jamais vivido um instante face a face com a sua alma, consumido como é pelo turbilhão dos assuntos egoístas e mundanos.

À parte a metafísica, qualquer pessoa que entrasse para a Sociedade Teosófica aí poderia encontrar uma ciência e uma ocupação a seu gosto. Um astrônomo poderia fazer mais descobertas científicas estudando as alegorias e os símbolos concernentes a cada estrela (27), nos velhos livros sânscritos, do que provavelmente o faria apenas com o recurso às Academias. Um médico intuitivo aprenderia mais nas obras de Charaka (28) - traduzidas em árabe, no Séc. VIII -, ou nos manuscritos poeirentos que se encontram na Biblioteca de Adyar - incompreendidos, como tudo o resto -, do que nos livros sobre a fisiologia moderna. Os teósofos com inclinação para a medicina ou *arte de curar* não fariam mal se consultassem as lendas e símbolos revelados e explicitados sobre Asclépio ou Esculápio. Efetivamente, tal como outrora fez Hipócrates consultando, em Cós, (29) as

estelas votivas da rotunda de Epidauro (cognominado o Tholos), eles ali poderiam encontrar prescrições de remédios desconhecidos da farmacopeia moderna. (30) Deste modo, poderiam talvez curar, em vez de matar.

Dizemos, pela centésima vez: a Verdade é só uma! Enquanto, porém, ela for apresentada, não em todas as suas faces, mas segundo as mil e uma opiniões que sobre ela se tecem e sobre os seus servidores, deixamos de ter a VERDADE divina, mas ecos confusos de vozes humanas. Onde procurá-la, no seu todo integral, ou mesmo aproximado? Será entre os Kabalistas cristãos, ou os modernos Ocultistas europeus? Entre os Espíritas dos dias de hoje, ou os Espiritualistas primitivos?

"Em França" - disse-nos, um dia, um amigo -, "quantos Cabalistas, quantos sistemas". Entre nós, todos eles se assumem Cristãos. Há, entre eles, quem seja pelo Papa, a ponto de sonhar vê-lo coroado com a "coroa universal" - a de um Pontífice-César. Outros são contra o Papado mas a favor de um Cristo, não histórico mas criado pela sua imaginação; um Cristo polêmico e anti-Cesarino, etc., etc .. Cada Kabalista crê ter encontrado a Verdade perdida. É sempre a sua própria ciência que é a Verdade eterna, e a de todos os outros nada mais que uma miragem ... E ele está sempre pronto a defendê-la e a sustentá-la com a ponta da sua pluma ...".

- "Mas os Kabalistas Israelitas" - perguntei-lhe -, "também são a favor do Cristo?"

- "Ah bem, esses são pelo seu Messias. É só uma questão de data!".

Com efeito, não há anacronismo na eternidade. Só que, com todas estas variações de termos e de sistemas, todos estes ensinamentos contraditórios que não podem conter a Verdade genuína, não vejo como os senhores Kabalistas de França podem pretender possuir o conhecimento das ciências Ocultas. Eles têm a Cabala de Moisés de León (31), por ele compilado no século XIII; mas o seu Zohar, comparado com o Livro dos Números dos caldeus, representa tanto a obra do Rabbi Shimon ben Yohai, como o Poimandres dos gregos cristãos representa o verdadeiro livro do Thoth egípcio. A facilidade com que a Kabala de Rosenroth e os seus textos latinos da Idade Média, manuscritos e lidos segundo o sistema do Notaricon, se transformam em textos cristãos e trinitários, parece um ato de "magia de fadas". Entre o Marquês de Mirville e o seu amigo, o cavaleiro Orach, um antigo rabi convertido, a "boa Kabala" tornou-se um catecismo da Igreja Romana. Se os Senhores Kabalistas se contentam com isso, nós preferimos seguir a Kabala dos caldeus, o Livro dos Números. Aquele que se satisfaz com a letra morta e se compraz em ostentar o manto Tannaím (os antigos iniciados de Israel), aos olhos do ocultista experimentado será como o lobo usando a touca-de-noite da avózinha do Chapeuzinho Vermelho. Mas o lobo não devorará nunca o ocultista como devora o Chapeuzinho Vermelho, símbolo do profano sedento de misticismo, que sucumbe nas suas presas. É antes o próprio "lobo" quem irá perecer, caindo na armadilha que ele mesmo montou ...

Tal como a Bíblia, os livros kabalísticos têm a sua letra morta, o seu sentido exotérico, e o seu sentido verdadeiro ou esotérico. A chave do verdadeiro simbolismo encontra-se neste momento para além dos picos gigantescos dos Himalaias, mesmo aquela dos sistemas Hindus. Nenhuma outra chave poderá abrir os sepulcros onde há milhares de anos jazem enterrados todos os tesouros intelectuais que ali foram depositados pelos primitivos

intérpretes da Sabedoria divina. Mas o grande ciclo, o primeiro da Kali-yuga, está no seu final; o dia da ressurreição de todos esses mortos pode bem não estar tão longe. O grande vidente sueco, Emmanuel Swedenborg, disse-o com estas palavras: "Buscai a *palavra perdida* entre os hierofantes, na grande Tartária e no Tibete".

Sejam quais forem os boatos contra à Sociedade Teosófica, seja qual for a sua impopularidade entre aqueles que recuam com santo horror perante tudo o que lhes afigura uma *inovação*, uma coisa, porém, é certa: aquilo que vós, Senhores nossos inimigos, considerais como uma invenção do século XIX, é velho como o mundo. A nossa Sociedade é a árvore da Fraternidade, que nasceu de uma semente lançada à terra pelo anjo da Caridade e da Justiça, no dia em que o primeiro Caim matou o primeiro Abel. Durante os longos séculos de escravatura e submissão da mulher, e de sofrimento do pobre, essa semente foi regada com todas as lágrimas amargas derramadas pelo fraco e pelo oprimido. Mãos abençoadas voltaram a plantá-la, de um a outro rincão da terra, sob céus diferentes e em épocas distantes entre si. "Não faças aos outros o que não gostarias que te fizessem a ti", dizia Confúcio aos seus discípulos. "Amai-vos uns aos outros, e amai todas as criaturas vivas", pregava Gautama, o Buda, aos seus Arhats. "Amai-vos uns aos outros" foi repetido como um eco fiel pelas ruas de Jerusalém. Pertence às nações cristãs a honra de ter "obedecido" a este mandamento supremo do seu Mestre, em toda a sua força paradoxal! Calígula, o pagão, desejava que a humanidade fosse uma só cabeça para que ele pudesse decepá-la de um só golpe. As potências cristãs foram mais longe nesta aposta mantida em teoria, ao procurar e ao achar, por fim, o meio de a pôr em prática. Que se preparem, portanto, para se degolarem entre si e que continuem a exterminar na guerra mais homens num dia do que os Césares matavam num ano. Que despvoem países e províncias inteiros em nome da sua religião paradoxal e que pereçam pela espada. Que temos nós a ver em tudo isso?

Os teósofos são impotentes para detê-los? É verdade. Mas compete-lhes salvar tantos sobreviventes quanto seja possível. Núcleos de uma verdadeira Fraternidade, deles depende fazer da sua Sociedade a arca destinada, num futuro próximo, a transportar a humanidade do novo ciclo para lá das grandes águas revoltas do dilúvio do materialismo sem esperança. Estas águas sobem sempre, inundam neste momento todos os países civilizados. Vamos deixar os bons perecer junto com os maus, apavorados com os clamores e gritos escarnecedores destes últimos, sejam eles contra a Sociedade Teosófica ou nós mesmos? Vamos vê-los sucumbir, uns atrás do outro, um, de fadiga, outro, na busca vã de um raio de sol que ilumine o mundo, sem lhes atirarmos uma prancha de salva-vidas? Nunca!

Pode muito bem ser que a bela utopia - o sonho do filantropo que vê, como numa visão, cumprir-se o desejo tríplice da Sociedade Teosófica - esteja ainda longe. Uma liberdade plena e inteira da consciência humana concedida a todos, a fraternidade a imperar entre o rico e o pobre, e a igualdade entre o aristocrata e o plebeu reconhecida na teoria e na prática - são ainda, por enquanto, miragens, castelos na areia, e por uma razão. Tudo isto deverá acontecer de um modo natural e voluntariamente, de parte a parte; ora, ainda não chegou o momento, nem para o leão nem para o cordeiro, de dormirem lado a lado. A grande reforma deverá ter lugar sem convulsões sociais, sem derramamento da

mais pequena gota de sangue; nada senão em nome dessa verdade axiomática da filosofia oriental que nos mostra que a grande diversidade de fortuna, condição social e de intelecto não se devem senão aos efeitos do karma pessoal de cada ser humano. Nós colhemos aquilo que semeamos. Se o homem físico da *personalidade* difere de cada outro homem, o ser imaterial nele, ou a *individualidade* imortal, emana da mesma essência divina que a do seu vizinho. Aquele que está bem imbuído da verdade filosófica de que "todo o *Ego* começa e acaba por ser o TODO indivisível", não pode amar o seu próximo menos do que a si próprio. Ora, até ao momento em que isto se tornará uma verdade religiosa, nenhuma reforma semelhante poderá ter lugar. O adágio egoísta "a caridade começa consigo mesmo", ou este outro "cada um por si, Deus por todos", levarão sempre as raças "superiores" e cristãs a opor-se à introdução prática destes belos provérbios pagãos: "todo o pobre é filho de um rico", e ainda mais a este "alimenta primeiro aquele que tem fome, cccce depois come tu mesmo o que resta".

Mas chegará o tempo em que esta sabedoria "bárbara" das raças "inferiores" será melhor apreciada. O que devemos procurar entretanto é trazer um pouco de paz à terra, aos corações daqueles que sofrem, levantando para eles uma ponta do véu que lhes oculta a verdade divina. Que os mais fortes mostrem o caminho aos mais fracos, e os ajudem a escalar a vereda escarpada da existência. Que estes os façam fixar o olhar no farol que brilha no horizonte, para além do oceano misterioso e desconhecido das Ciências teosóficas como uma nova estrela de Belém - e que os deserdados na vida voltem a ter esperança ...

Notas

1 Adquirida sob a orientação de um guru ou mestre.

2 A grande serpente vencida por Krishna e lançada do rio de Yamunâ para o mar, onde a serpente Kâliya tomou por esposa uma espécie de sereia com a qual teve numerosa prol.

3 A ilusão da personalidade do eu, à parte e colocada em primeiro plano pelo nosso egoísmo. Numa palavra, é preciso assimilar a humanidade por inteiro, viver para ela, por ela e nela, ou, noutros termos, cessar de ser "um" para tornar-se "todos" ou a totalidade.

4 Expressão védica. Os sentidos, contando os dois sentidos místicos, são sete, em ocultismo: mas um Iniciado não separa estes sentidos uns dos outros, tal como não separa a sua unidade com a humanidade. Cada um destes sentidos contém todos os outros.

5 Simbologia das cores. A linguagem do prisma, no qual "cada uma das sete cores mães têm, cada uma, sete filhos": ou seja, 49 tonalidades ou "filhos" entre os sete; essas tonalidades graduadas correspondem a letras ou caracteres alfabéticos. A linguagem das cores tem portanto 56 letras para o iniciado (não confundir com o adepto, ver o meu artigo "Sinal de Perigo"). Destas letras, cada setenário absorve-se na cor mãe, tal como cada uma destas sete cores mães é finalmente absorvida no raio branco, a Unidade divina

simbolizada por estas cores.

6 De Jâmblico, que o escreveu sob pseudônimo do nome do seu Mestre, o sacerdote egípcio Abammon. O seu título é em grego Ἀβηαμμωνος διδακ'άλον προς τήν Προφνηρίον πρός Ανεβώ έπωτοληόν άσκριόις και τών έν αντηι απορηματων λνσεις.

7 Sarnâdhi, um estado de contemplação abstrata, definida por termos sânscritos, dos quais, cada um deles, exigiria uma frase inteira para o explicar. É um estado mental, ou, antes, espiritual, que não depende de nenhum objeto perceptível e durante o qual o sujeito, absorvido na região do Espírito puro, vive na Divindade.

8 Cidadão de Roma durante 28 anos, era um homem tão virtuoso que se considerava uma honra tê-lo como tutor dos órfãos dos patrícios mais abastados. Morreu sem ter feito um só inimigo, durante toda a sua vida.

9 Os outros dois objetivos são: 1. Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; 2. Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências. (Nota do editor)

10 Jâmblico, De mysteriis, VIII, 6 e 7.

11 Phaedrus, 246 D, E.; Theaetus, 176 B.

12 Célebre comunidade monástica situada na península com o mesmo nome, o mais oriental de três promontórios que se estendem, como os ganchos de um tridente, da costa da Macedônia em direção ao Sul do Mar Egeu. Também é chamado Agion Oros. (Nota do compilador da tradução inglesa)

13 JHVH, ou Jahveh (Jehovah) é o Tetragrammaton, por conseguinte o Logos emanado e o criador; o TODO, sem começo nem fim ou AIN-SOPH - não podendo nem criar, nem desejar criar, na sua qualidade de ABSOLUTO.

14 Apesar de as palavras serem um pouco diferentes, as ideias expressas nesta passagem são, contudo, idênticas às encontradas em Provérbios VIII, 22-30. Mashalin é o plural de Mashal, que significa "exemplo", "fábula", "alegoria"; ou seja, um ensinamento que é ilustrado. Os Provérbios de Salomão são conhecidos em Hebreu como Mishle Shelomah. (Nota do compilador da tradução inglesa)

15 Prêmios instituídos em França no século XIX pelo Barão Antoine de Montyon (1733- -

1820), um filantropo francês, e atribuído aos que beneficiavam os outros, de diversas maneiras. (Nota do compilador da edição inglesa)

16 Esta referência diz provavelmente respeito a dois notáveis trabalhos do Coronel Vans Kennedy: *Researches into the Origin and Affinity of the Principal Languages of Asia and Europe*, London, 1828; e *Researches into the Nature and Affinity of Ancient and Hindu Mythology*, Londres, 1831. (Nota do compilador da tradução inglesa)

17 Termo que composto das palavras Yavana ou "Jônio"; e achârya, "professor" ou "mestre".

18 Do poema "Consolation à Duperier" c. 1599.

19 Membro do Conselho executivo da Loja de Londres da Sociedade Teosófica.

20 O elemento hornogênio, não diferenciado, a que chamou meta-elemento.

21 O significado da palavra Vidyâ só pode ser dado pelo termo grego gnosis, o saber ou conhecimento das coisas espirituais ocultas; ou, ainda, a sabedoria de Brahma, ou seja, do Deus que contém todos os deuses.

22 O primeiro Vice- Presidente da S. T. , aquando da fundação da mesma.

23 Provérbio siamês e budista.

24 Esta crença, naturalmente, só se refere aos que partilham desta opinião com a autora deste livro. Todas as pessoas têm o direito de acreditar no que entenderem, do modo que entenderem. Como já afirmamos algures, a Sociedade Teosófica é a "República da consciência".

25 Referência a um ensaio de Amélineau, intitulado "Essai sur le gnosticisme égyptien, ses développements et son énigme égyptienne", Vol. XIV, dos "Annales du Musée Guinet", Paris, 1887.

26 Pelo menos para aquele que acredita numa sucessão ininterrupta de "criações", a que chamamos "dias e noites" de Brahma, ou os manvantaras e os pralayas (dissoluções).

27 Cada um dos 333.000.000 deuses e deusas que compõem o panteão hindu, é representado por uma estrela. Como o número de estrelas e constelações conhecidas pelos astrônomos não atinge este número, podemos admitir ou supor que os antigos Hindus conheciam mais estrelas do que os modernos conhecem.

28 Charaka foi um médico da época védica. Uma lenda representa-o como uma encarnação da serpente Vishnu, sob o seu nome Sesa, reinando no Pâtâla (as regiões inferiores).

29 Estrabão, *Geographica*, XIV, ii, 129. Ver também Pausânias, *Periegesis*, II, XXVII, 2-3.

30 Sabe-se que todos aqueles que eram curados na Asclepieia deixavam os seus ex-voto no templo e aí gravavam em estelas o nome das suas doenças e dos remédios benfazejos que os tinham curado. Mais tarde, um grande número destes ex-voto foram recuperados nas escavações da Acrópole. Ver Paul Girard, *L'Asclepion d'Athenes*, Paris, Thorin, 1882.

31 Foi ele quem compilou o Zohar de Shiméon bem Jochaï, tendo-se perdido todos os originais dos primeiros séculos. Foi injustamente acusado de ter inventado aquilo que escreveu. Moisés de León reuniu tudo o que pôde encontrar, mas completou com o seu próprio acervo de conhecimentos as passagens que faltavam, e nisto foi ajudado pelos cristãos gnósticos da Caldeia e da Síria.

A BABEL DO PENSAMENTO MODERNO

O texto abaixo foi publicado na revista *Lucifer* (1), Vol. VII, nº 41, Janeiro de 1891, pp. 353-360. Integra os *Collected Writings*, Vol. XIII, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1982, 465 pp., ver pp. 83-103. Tradução de Maria Paula Lourinho.

Oh Senhores da Verdade, que vos moveis em ciclos pela eternidade ...
livrai-me da aniquilação nesta Região das *Duas Verdades*.

"O Ritual dos Mortos" Egípcio

O fato de que o mundo se move em ciclos e os acontecimentos se repetem dentro deles é um velho truísmo, embora sempre atual. É novo para a maioria, em primeiro lugar, porque pertence a um grupo distinto de aforismos ocultos *in partibus infidelium* (2), e porque os Rabinos e Fariseus do nosso tempo não aceitam nada que venha *dessa* Nazaré;

e, em segundo lugar, porque aqueles que engolem um camelo, por maior que seja, desde que venha de autoridades ortodoxas ou aceites, repudiam sempre o mais pequenino mosquito, só pelo fato de trazer um zumbido de domínios teosóficos. No entanto, esta proposição sobre os ciclos do mundo e a constante recorrência dos acontecimentos é deveras correta. Trata-se, aliás, de um teorema que qualquer pessoa pode facilmente verificar por si própria. Evidentemente, as pessoas a quem nos referimos são aquelas capazes de produzir o seu próprio pensamento; não as que se satisfazem em permanecer, desde que nascem até que morrem, presas às crenças e aos pensamentos da maioria do "rebanho", qual espinho cravado nas abas da batina de um pároco de província.

Não podemos concordar com um autor (terá sido Gilpin?) que afirmou que as maiores verdades são, muitas vezes, rejeitadas, "não tanto por falta de provas concretas, mas antes por falta de predisposição para as investigar". Isto aplica-se apenas a alguns. Noventa por cento das pessoas tende a rejeitar a prova mais irrefutável, ainda que lhes seja demonstrada, sem que lhes cause qualquer problema, só pelo fato de colidir com os seus preconceitos ou interesses pessoais; principalmente se vier de fontes impopulares. Vivemos, hoje em dia, num ambiente altamente moral que bem que soam estas palavras! Mas quando posta à prova na prática, entretanto, a moralidade desta época, em termos de genuinidade e veracidade, é da natureza da pele do menestrel negro: assumida para entrar em cena, e lavada no final da representação. A verdade é que os nossos oponentes - os defensores da ciência oficial, da religião ortodoxa e *tutti quanti* detractores da Teosofia - que afirmam opor-se ao nosso trabalho em razão da "prova" *científica*, "do bem e da verdade públicos", mais parecem os advogados dos nossos tribunais - erradamente chamados "de justiça". Estes, ao defenderem ladrões e assassinos, falsificadores e adúlteros, acreditam ter o dever de intimidar, confundir e difamar todos os que testemunharem contra os seus clientes, e ignorar ou, se possível, destruir, todas as provas que possam incriminá-los. Deixemos que seja a Sabedoria Antiga a ocupar o lugar da testemunha, e a provar que os bens encontrados na posse do réu foram usurpados do seu cofre-forte; e acabará por ser, ela própria, acusada de todo o tipo de crimes e, com sorte, ainda ficará rotulada como uma impostora comum e ser-lhe-á dito que deveria ser melhor do que é.

Não é, então, de admirar que qualquer membro da nossa Sociedade se pergunte por que razão é que, nesta nossa era, tão proeminentemente cheia de ilusões e aparências, os (mal) chamados *ensinamentos* "teosofistas" pareçam ser, até agora, os mais impopulares de todos; ou por que é que o materialismo e a teologia, a ciência e a filosofia moderna, se tenham armado em santa aliança contra os estudos teosóficos - talvez porque todos eles se baseiem em pedaços e fragmentos soltos do sistema primordial. Cotton queixa-se algures de que "os metafísicos têm andado a estudar a sua lição já desde há quatro (?) mil anos", e que "está na hora de começarem a ensinar alguma coisa". No entanto, mal se oferece a possibilidade desses estudos, com todas as provas provadas de pertencerem à mais ancestral doutrina metafísica da humanidade, a maioria dos queixosos, em vez de os ouvirem imparcialmente sequer, viram as costas com um sorriso de escárnio, comentando levemente: "Oh, devem ter sido vocês que inventaram o que dizem!"

Minhas senhoras e meus senhores, acaso alguma vez vos ocorreu, quão

verdadeiramente grandioso e quase *divino* seria esse homem ou mulher, que, nesta fase da vida da humanidade, conseguisse inventar ou descobrir o que quer que fosse, que não tivesse já sido conhecido e inventado em eras anteriores? Uma tal acusação seria certamente uma grande honra para o acusado. Mostrem-nos, então, se puderem, quem é esse mortal que, no atual ciclo histórico da nossa raça humana, tenha ensinado ao mundo algo completamente novo. O Ocultismo - o verdadeiro Ocultismo do Oriente, ou a chamada Doutrina Esotérica - responde às arrogantes pretensões desta época, através dos seus alunos mais aptos: na verdade, todo o conhecimento de que fazeis alarde não é mais do que a ação reflexa do Passado distante. Na melhor das hipóteses, não sois mais do que os divulgadores atuais de ideias muito antigas. Consciente ou inconscientemente, haveis pilhado os velhos clássicos e filósofos que, por sua vez, tinham sido apenas os compiladores superficiais da Sabedoria primeva - cautelosos e lacunares, devido aos terríveis castigos por divulgar os segredos da iniciação ensinados durante os Mistérios. Fora! As vossas ciências modernas e especulação não são mais do que pratos *réchauffés* (3) da Antiguidade; os ossos mortos (servidos com uma *sauce piquante* (4) de materialismo crasso, para os disfarçar) dos repastos intelectuais dos Deuses. Ragon tinha razão quando dizia, na sua *Maçonnerie Occulte*, que "A humanidade só *parece* progredir ao conseguir uma descoberta após outra mas, na verdade, apenas encontra o que havia perdido. A maioria das invenções modernas, cuja glória tanto reclamamos, são, no fim de contas, coisas com as quais as pessoas já estavam familiarizadas há três ou quatro mil anos atrás s. Tendo-se perdido com as guerras, inundações e incêndios, todos os vestígios da sua existência acabaram por se apagar da memória do homem. E agora os pensadores modernos começam a *redescobri-las* uma vez mais".

Permitam-nos recapitular algumas dessas coisas para refrescarmos a memória.

Neguem, se forem capazes, que as mais importantes ciências modernas já eram conhecidas dos antigos. Não é só a literatura oriental, e todo o ciclo destes ensinamentos esotéricos que um Cabalista Cristão francês, extremamente zeloso, apelidou precisamente de "ciências *malditas*", que vos vai contrariar em absoluto, mas também a literatura clássica profana. É fácil prová-lo.

Não são a Física e as Ciências Naturais apenas uma reprodução ampliada das obras de Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e outros? Tudo o que ensinam *agora* já foi *então* ensinado por esses filósofos. Sustentavam eles - mesmo nos fragmentos das suas obras ainda existentes - que o Universo é composto por átomos eternos que, movidos por um subtil Fogo interno, se combinam em milhões de formas diversas. Para eles, este "Fogo" era o Sopro Divino da Mente Universal, tendo-se tornado agora, com os filósofos modernos, nada mais do que uma força cega e insensível. Ensinaram eles, também, que não existe Vida nem Morte, mas apenas uma *constante destruição da forma*, produzida por transformações *físicas* perpétuas. Tudo isto foi agora convertido, por via de uma transformação *intelectual*, no que se conhece por "A Correlação de Forças Físicas, "A Lei da Conservação de Energia": "A Equação da Continuidade": e outras coisas que tais, no vocabulário da Ciência moderna. Mas "o que é um nome"? Que importância têm as palavras recentemente inventadas e os termos complicados, estando já estabelecida a identidade das ideias essenciais?

Não deveu Descartes as suas teorias *originais* aos velhos Mestres, Leucipo e Demócrito, Lucrécio, Anaxágoras e Epicuro? Foram eles que ensinaram que os corpos celestes se compunham por uma multidão de átomos, cujo movimento em vórtice existia desde a eternidade; e, ao encontrarem-se, começaram a girar em conjunto, tendo os mais pesados sido atraídos para o centro e os mais leves lançados para a periferia; cada uma destas concreções foi arrastada numa matéria fluida que, ao receber o impulso desta rotação, fazia com que os mais fortes o comunicassem aos mais fracos. Esta parece ser uma descrição muito semelhante à teoria Cartesiana dos Vórtices Elementais tomada de Anaxágoras e de outros; e *curiosamente* também se parece muito com os "átomos de vórtice" de Sir W. Thompson! (6)

Até mesmo Sir Isaac Newton, o maior entre os maiores, alude constantemente a uma dúzia de filósofos antigos. Ao lermos as suas obras, percebemos que paira no ar uma diáfana imagem dos mesmos Anaxágoras e Demócrito, Pitágoras, Aristóteles, Timeu de Lócrida, Lucrécio, Macróbio e até do nosso velho amigo Plutarco. Todos eles haviam sustentado uma ou outra das seguintes proposições, 1- a mais pequena partícula de matéria seria suficiente - devido à sua infinita divisibilidade - para preencher o espaço infinito; 2- existem duas Forças que emanam da Alma Universal, combinadas em proporções numéricas (as "forças" centrípeta e centrífuga, como as santidades científicas modernas lhes chamam); 3- existe uma *atração* mútua entre os corpos que faz com que estes *gravitem*, como se diz agora, e se mantenham dentro das respectivas esferas; 4- sugeriram, quase inequivocamente, a relação existente entre o peso e a densidade, ou a quantidade de matéria contida numa unidade de massa; e 5- ensinaram-nos que a atração (gravitação) dos planetas em volta do Sol é proporcional à distância a que se encontram desta luminária.

E por fim, não é já um fato histórico que a rotação da Terra e o sistema heliocêntrico foram ensinados por Pitágoras - já para não falar de Hícetas, Heráclides, Ecfanto, etc. - mais de 2000 anos antes do grito desesperado, e agora famoso, de Galileu, "*E pur, se muove!*" ("E, no entanto, move-se!")? E muito mais para trás deles, não sabiam já os sacerdotes da Etrúria e os *Rishis* indianos como atrair o relâmpago, muitos séculos antes da formação do *astral* de Sir Benjamin Franklin no espaço? Euclides é honrado até hoje, talvez por não se poder trapacear com a matemática e os números com a mesma facilidade com que se ludibria com símbolos e palavras baseados em hipóteses improváveis. Arquimedes terá, porventura, esquecido muito mais, no seu tempo, do que os nossos modernos matemáticos, astrônomos, geômetras, mecanicistas, hidrostáticos e ópticos alguma vez souberam. Se não fosse Arquitas, o discípulo de Pitágoras, quiçá a aplicação prática da teoria da matemática fosse ainda desconhecida nesta nossa grande era de máquinas e invenções. Escusado será lembrar o leitor do que os Arianos já sabiam, e que temos registrado na nossa publicação *The Theosophist* e noutras obras que se podem obter na Índia.

Sábio foi Salomão ao afirmar que "não há *nada* de *novo* debaixo do Sol"; e que tudo o que é "já foi nos séculos passados, que foram antes de nós" - a não ser, talvez, as doutrinas teosóficas que alguns acusam a humilde escritora deste artigo de ter "inventado". A origem principal desta (muito cortês) acusação deve-se aos amáveis

esforços da S.P.R. (7) Trata-se da mais atenciosa e amável acusação proferida por esta "mundialmente famosa e douta Sociedade" de "Investigação", uma vez que os seus escribas parecem totalmente incapazes de inventar o que quer que seja de original, não sendo sequer capazes de produzir uma ilustração comum. Se o leitor inquisitivo se ocupar do artigo que se segue, terá o prazer de encontrar uma prova curiosa deste fato, numa reedição do velho *Lives* ("Vidas"), de Izaak Walton, que o nosso *contribuidor* intitulou de "Mrs. Donne's Astral Body" ("O Corpo Astral da Sra. Dorme"). De modo que nem os "Dons" (Catedráticos) de Cambridge, tão cientificamente *rigorosos*, estão isentos de *pedir algo emprestado* aos livros antigos; e além de não reconhecerem essa dívida, ainda se dão ao trabalho de a apresentar ao público como *uma matéria original*, sem sequer terem a cortesia de a colocar entre aspas. E como isto, tudo o resto.

Em suma, podemos dizer das teorias científicas que as corretas não são novas; e as que são novas não são corretas - ou são, pelo menos, muito duvidosas. É fácil resguardar-se em "meras hipóteses"; difícil é manter a sua plausibilidade perante a lógica e a filosofia.

A fim de abreviarmos um assunto tão vasto, basta-nos apenas estabelecer uma pequena comparação entre os ensinamentos antigos e os modernos. A ciência moderna quer-nos fazer crer que os átomos possuem propriedades *inatas* e imutáveis. O que a filosofia Oriental, tanto na vertente Esotérica, como exotérica, designa por *divina Substância do Espírito (Purusha-Prakriti)*, ou o Espírito-Matéria eternos, inseparáveis um do outro, a ciência moderna designa por Força e Matéria, acrescentando-lhe, tal como nós (uma vez que se trata de um conceito Vedanta), que, sendo ambos inseparáveis, a matéria é apenas uma abstração (ou melhor, uma ilusão). Os Ocultistas Orientais resumem, ou reduzem, as propriedades da matéria a atração e repulsão; os Cientistas, a gravitação e afinidades. De acordo com esta doutrina, as propriedades de combinações complexas não são mais dos que os resultados inevitáveis da composição de propriedades elementares, sendo o Homem, o autômato físico-químico, a mais complexa de todas. A Matéria, que a princípio é dispersa e inanimada, gera vida, sensações, emoções e vontade, depois de andar sucessivamente "a tatear às cegas". Esta última expressão, pouco feliz, da autoria de Tyndall obrigou o escritor filosófico Delboeuf (9) a criticar o cientista inglês em termos bastante desrespeitosos e obriga-nos, a nós, a concordar com o escritor. A Matéria, ou o que quer que seja condicionado, estando sujeita a leis imutáveis, *não pode* "andar a tatear às cegas". Mas isto não é nada, quando comparado com o fato de a matéria morta ou *inanimada* produzir *vida* e até fenômenos psíquicos próprios da mente mais elevada! E por fim, um rígido determinismo reina sobre toda a natureza. Tudo o que aconteceu uma vez ao nosso Universo *automático* tinha de acontecer, pois o futuro desse Universo está traçado na mais ínfima das suas partículas, ou "átomos". Dizem que, se estes átomos retornarem à mesma posição e ordem em que estavam no exato primeiro momento da evolução do Cosmos físico, os mesmos fenômenos universais se irão repetir rigorosamente na mesma ordem e o Universo retornará, uma vez mais, às suas condições presentes. A isto, respondem a lógica e a filosofia não ser possível, visto que as propriedades das partículas variam e são mutáveis. Se os átomos são eternos e a matéria é indestrutível, estes átomos nunca poderiam ter nascido; portanto, não pode haver nada de *inato* neles. O que têm

é a substância homogênea una (e, acrescentamos nós, *divina*), uma vez que as moléculas compostas recebem as suas propriedades, no início dos seus ciclos de vida, ou *manvantaras, de dentro para fora*. Os organismos não se podem ter desenvolvido a partir de matéria morta, ou *inanimada*, pois que, primeiro, tal matéria não existe e, depois, como a filosofia prova de forma conclusiva, o Universo não está "sujeito à fatalidade".

A Ciência Oculta ensina que o processo universal de diferenciação começa de novo após cada período de *Maha-pralaya*, mas não há razões para pensar que ele se repetiria servil e cegamente. As leis *imutáveis* duram apenas entre a fase incipiente até ao último momento da vida universal, não sendo mais do que os efeitos de uma ação primordial, inteligente e absolutamente livre. Para os Teósofos, assim como para o Dr. Pirogoff, para Delboeuf e para muitos outros grandes pensadores modernos independentes, a Mente Universal (e, para nós, *impessoal* porque *infinita*) é o verdadeiro Demiurgo primordial.

O que pode ilustrar melhor a teoria dos ciclos do que o seguinte fato? Cerca de 700 anos a.C., nas escolas de Tales e de Pitágoras, ensinava-se a doutrina do verdadeiro movimento da terra, a sua forma e todo o sistema heliocêntrico. E, no ano 317 d.C., Lactâncio, o preceptor de Crispo César, o filho do Imperador Constantino, ensinava ao seu aluno que a terra era um plano rodeado pelo céu, e composto por fogo e água! Além disso, o venerável Padre da Igreja advertiu o seu aluno contra a *doutrina herética da forma globular da terra*, como os "Padres Catedráticos" de Cambridge e de Oxford advertem hoje os seus alunos contra as doutrinas perniciosas e supersticiosas da Teosofia - tais como a Mente Universal, a Reencarnação e assim por diante.

Os membros da S.T. resolveram adotar tacitamente um provérbio do Rei Salomão, parafraseado para nosso uso comum: "Mais sábio é um cientista aos seus próprios olhos do que sete Teósofos que conseguem apresentar uma razão". Não devemos, portanto, perder tempo a discutir com eles; mas, por outro lado, também não devemos evitar nenhum esforço para mostrar os seus erros e insensatezes. A presunção científica dos Orientalistas - particularmente, os do ramo mais moderno -, dos Assiriólogos e dos Egiptólogos - é deveras espantosa. Até agora, ainda davam alguns créditos aos antigos - aos seus filósofos e *Iniciados*, pelo menos - por saberem umas quantas coisas que os modernos não conseguiriam redescobrir. Mas no presente, até os maiores Iniciados são apresentados ao público como loucos. Eis aqui um exemplo disso. Na Introdução da edição de 1887 das *Hibbert Lectures* (Conferências de Hibbert), do Prof. Sayce, em *The Ancient Babylonians* (Os Antigos Babilônios), o leitor é confrontado com um enigma capaz de confundir um apreciador mais ingênuo da ciência moderna. Queixando-se das dificuldades e dos obstáculos que o Assiriólogo encontra a cada etapa dos seus estudos; depois de expor "o catálogo deprimente" das lutas formidáveis que o intérprete tem de travar para conseguir decifrar o sentido das inscrições retiradas de fragmentos de tijolos; o Professor acaba por confessar que o estudante que tenha de ler esses caracteres cuneiformes, se arrisca muitas vezes a "fazer uma construção errada de passagens isoladas, cujo contexto terá de basear em conjecturas". Não obstante tudo isto, o instruído orador *coloca* o *Assiriólogo moderno numa posição superior à do antigo Iniciado Babilônio*, no que respeita ao conhecimento dos símbolos e da sua própria religião!

A passagem merece ser citada *in toto 10*:

"É verdade que muitos dos textos sagrados foram escritos para que apenas os iniciados os pudessem entender; mas os iniciados estavam munidos de chaves e apostilas, *muitas das quais estão nas nossas mãos (?)* ... Conseguimos penetrar no verdadeiro significado de documentos que, para ele (o Babilônio comum), eram um livro selado. Mas há mais ... as pesquisas que foram realizadas no último meio século acerca das crenças das nações do mundo, tanto do passado como do presente, *forneceram-nos uma chave* para a interpretação destes documentos *que nem os sacerdotes iniciados possuíam.*"

Esta passagem (os itálicos são nossos) ainda pode ser mais apreciada se analisada silogisticamente.

Premissa Maior: Os antigos Iniciados possuíam chaves e apostilas para os textos esotéricos cujos INVENTORES eram eles próprios.

Premissa Menor: Os nossos Orientalistas possuem muitas dessas chaves.

Conclusão: Ergo, os Orientalistas têm uma chave que os *próprios Iniciados não possuíam!*

E agora, perguntamos nós: nesse caso, em que eram iniciados os Iniciados? E quem foi que inventou os véus?

Poucos Orientalistas poderiam responder a esta pergunta. Contudo, nós somos mais generosos; e talvez possamos expor, na próxima parte, aquilo em que jamais foram iniciados os nossos modestos Orientalistas, apesar de todas as suas supostas "chaves".

Desçamos e confundamos a sua língua,
para que não entenda um a linguagem do outro ...

Genesis XI, 7

Depois de termos tratado das ciências físicas modernas, ocupemo-nos agora das filosofias e religiões Ocidentais. Todas elas se baseiam igualmente no pensamento pagão, assim como no *exotérico*, de onde também derivam as suas teorias e doutrinas. Podem encontrar-se facilmente referências a isto mesmo, desde Schopenhauer e Herbert Spencer, ao Hipnotismo e à chamada "Ciência da Mente". Os filósofos alemães modernizam o Budismo; os ingleses inspiram-se no Vedantismo; enquanto os franceses pedem emprestado a ambos, adicio nando-lhes Platão, sob um chapéu Frígio e, ocasionalmente, como é o caso de Auguste Comte, a estranha adoração do sexo, ou Mariolatria, dos antigos

extáticos e visionários Católico- Romanos.

Novos sistemas, chamados filosóficos, e novas seitas e sociedades eclodem a cada dia, em todos os cantos dos nossos domínios civilizados. No entanto, mesmo os maiores de entre todos eles não conseguem concordar num único ponto, embora cada um reivindique ter a supremacia. Isto acontece porque nenhuma ciência, nenhuma filosofia - sendo, quando muito, unicamente um fragmento quebrado da RELIGIÃO DA SABEDORIA - consegue existir sozinha, ou ser completa por si só. A verdade, para ser completa, tem de apresentar uma continuidade ininterrupta. Não pode conter lacunas, nem elos perdidos. Mas qual das nossas modernas religiões, ciências e filosofias está isenta de tais defeitos? A Verdade é Uma. Mesmo sendo o mais pálido reflexo do Absoluto, não pode ser mais dual do que o próprio Absoluto, nem pode ter *dois* aspectos. Tal verdade, porém, não é para as maiorias, neste nosso mundo da ilusão - especialmente para as mentes desprovidas do elemento *noético*. Estas têm de substituir a verdade espiritual plena e *quasi* absoluta pela verdade relativa que, possuindo dois lados ou aspectos, ambos condicionados pelas aparências, conduzem a nossa "inteligência cerebral" - um, ao materialismo científico intelectual, e o outro, à religiosidade materialista ou antropomórfica. Não obstante, mesmo esse tipo de verdade, para que possa oferecer um sistema completo e coerente, ao chocar naturalmente com a que se lhe opõe, não pode oferecer lacunas e contradições, nem elos perdidos ou quebrados, no sistema ou doutrina específicos que represente.

E aqui devemos estabelecer uma pequena diferenciação. Sabemos que há quem afirme ser esta precisamente a objeção que as exposições teosóficas levantam, desde Ísis sem Véu até *A Doutrina Secreta*. De acordo. Estamos deveras dispostos a confessar que, especialmente a última obra, ultrapassa todas as restantes obras teosóficas nesses defeitos. Estamos prontos a admitir as falhas apontadas pelos críticos - que a obra está mal organizada, que carece de método, que está pejada de digressões mitológicas, etc., etc. Mas acontece que a obra não é *um* sistema filosófico, nem a Doutrina, chamada secreta ou esotérica, mas tão-só um registro de alguns dos seus fatos que *testemunham* a sua existência. Nunca pretendeu ser a exposição *completa* do sistema (que defende) na sua totalidade; (a) porque, uma vez que a sua escritora não se vangloria de ser uma grande Iniciada, nunca poderia, portanto, ter empreendido tão gigantesca tarefa; e (b) porque, caso fosse essa Iniciada, teria divulgado ainda menos. Nunca pretendeu fazer das verdades sagradas um sistema integral, sujeitando-os à vulgaridade e às zombarias de um público profano e iconoclasta. Esta obra não tem a pretensão de estabelecer uma série de explicações, com todos os seus detalhes mais completos, dos mistérios do Ser; nem procura ganhar o nome de um sistema especial de pensamento - como as obras dos Srs. Herbert Spencer, Schopenhauer ou Comte. Pelo contrário, *A Doutrina Secreta* afirma apenas que existe realmente um sistema, conhecido como a RELIGIÃO DA SABEDORIA, obra de muitas gerações de adeptos e de visionários, herança sagrada de tempos pré-históricos, conservada até hoje no maior segredo pelos atuais Iniciados; e indica que várias corroborações da sua existência se encontram, até ao presente, em obras antigas e modernas. Divulgando somente alguns fragmentos, consegue mostrar como essas obras explicam os dogmas religiosos dos nossos dias, e de que forma podem servir de marcos às religiões, às filosofias e à ciência Ocidental, ao longo de caminhos de descoberta ainda por

explorar. A obra, fragmentária na sua essência, expõe diversos fatos ensinados nas escolas esotéricas e mantidos em segredo até agora, à luz dos quais é interpretado o simbolismo antigo de várias nações. Nem tão-pouco fornece as *chaves* para essa interpretação, limitando-se apenas a levantar uma pontinha do véu que cobre os mistérios antigos. A *Doutrina Secreta* não estabelece nenhuma *nova* filosofia; apenas fornece o significado oculto de algumas alegorias religiosas da Antiguidade, esclarecendo-as à luz das Ciências Esotéricas, e indica a fonte comum de onde nasceram todas as religiões e filosofias do mundo. Empenha-se sobretudo em demonstrar que, por muito divergentes que as respectivas doutrinas e velhos sistemas possam *parecer* no seu aspecto externo e objetivo, existe um perfeito acordo entre todos, logo que sejam examinados o aspecto esotérico e *interno* destes credos e a sua simbologia, e todos sejam cuidadosamente comparados. Sustenta também que essas doutrinas e ciências, que conformam um ciclo integral dos fatos cósmicos universais e das verdades e axiomas metafísicos, representam um sistema completo e contínuo; e que todo aquele que for suficientemente corajoso e perseverante, e esteja pronto para aniquilar o *animal* em si e esquecer o eu humano, sacrificando-o ao seu Eu Superior, conseguirá sempre encontrar a via para se tornar um Iniciado nestes mistérios. E é só isto que *A Doutrina Secreta* afirma. Não se encontram, afinal, nos volumes desta obra, alguns fatos e verdades evidentes - não obstante todos os defeitos literários da narrativa -, verdades já *provadas na prática perante alguns*, melhores do que as mais engenhosas hipóteses de "trabalho", susceptíveis de se arruinares a qualquer momento, e do que os mistérios *inexplicáveis* dos dogmas religiosos, e melhores até do que as especulações filosóficas aparentemente mais profundas? Poderão as maiores de todas estas especulações ser verdadeiramente profundas quando, de *Alfa* a *Omega*, estão limitadas e condicionadas pelo *cérebro-mente* do seu autor, anãs e aleijadas no leito de Procrustes, aparadas para caberem nas fronteiras das percepções sensoriais que não deixam que o intelecto vá além do seu círculo encantado? Jamais um "filósofo" que veja o domínio espiritual como um mero fruto da superstição e as percepções mentais do homem como o simples resultado da organização cerebral poderá ser digno desse nome.

Nem um materialista tem direito a ser chamado como tal, uma vez que "filósofo" significa "amante da Sabedoria", e Pitágoras, que foi o primeiro a cunhar este termo composto, nunca limitou a Sabedoria a esta Terra. Quem afirma que o Universo e o Homem são apenas objetos dos sentidos e que encadeia fatalmente o pensamento à região da matéria insensível, como o fazem os evolucionistas Darwinianos, é, na melhor das hipóteses, um *sofíóforo*, quando não um filosofastro - mas nunca um filósofo.

Por isso é que, nesta época de materialismo, agnosticismo, evolucionismo e falso idealismo, não há nenhum sistema, por mais intelectualmente exposto, que possa manter-se de pé, ou que não seja criticado por um expoente de outra escola de pensamento igualmente materialista; até mesmo Herbert Spencer, o maior de todos eles, é incapaz de responder a algumas críticas. Muitos se lembrarão das ferozes polémicas que se travaram há uns anos atrás na imprensa inglesa e americana entre os Evolucionistas, por um lado, e os Positivistas, por outro. O objeto da discussão era a atitude e a relação que a teoria da evolução tinha para com a religião. F. Harrison, o

Apóstolo do Positivismo, acusou Herbert Spencer de restringir a religião ao reino da razão, esquecendo-se de que era o sentimento e não a faculdade cognitiva que desempenhava o papel mais importante na religião. O caráter "errôneo e insuficiente" das ideias acerca do "Incognoscível" - tal como foram desenvolvidas nas obras de Spencer - foi também evocado por Harrison. A ideia era *errônea*, sustentava ele, porque se baseava na aceitação do absoluto metafísico. Era insuficiente, argumentava, porque reduzia a deidade a uma abstração vazia, desprovida de sentido (11). A estas acusações, respondeu o grande escritor inglês que nunca pensara em oferecer o seu "Não-Conhecido" e "Incognoscível" como objeto de culto religioso. Entraram então em cena os respectivos admiradores e defensores de Spencer e de Harrison, defendendo, uns, a *metafísica materialista* do primeiro (se é que nos é permitido usar esta paradoxal, mas correta, definição da filosofia de Herbert Spencer) e, os outros, os argumentos do Catolicismo Romano sem Deus nem Cristo, de Auguste Comte (12), trocando-se golpes muito duros entre ambas as facções. Foi então que o Conde de Alviella de Bruxelas (13) descobriu subitamente que Spencer tinha uma espécie de faceta Teísta, escondida mas reverente, e comparou Harrison a um casuísta da Escolástica medieval.

Mas não é para discutir os méritos relativos do Evolucionismo materialista, nem tão pouco do Positivismo, que aqui trazemos estes dois pensadores ingleses; fazemo-lo, sim, para ilustrar um exemplo do que é a confusão Babilônica do pensamento moderno. Enquanto os Evolucionistas (da escola de Herbert Spencer) sustentam que a evolução histórica do sentimento religioso consiste na abstração constante dos atributos da Deidade, e na sua separação absoluta das concepções concretas primitivas - regozijando-se este processo no composto tríplice simplório da *desantropomorjização*, ou do desaparecimento dos atributos humanos - os Comtistas, por seu lado, defendem outra versão. Afirmam eles que o fetichismo, ou o culto direto da Natureza, era a religião primitiva dos homens, e que, só depois de uma longa evolução, é que esse fetichismo se transformou em antropomorfismo. A sua Deidade é a Humanidade, e o Deus que adoram é a espécie humana, segundo conseguimos entender. Assim, a única forma de resolvermos a disputa é tentarmos perceber qual das duas teorias, "filosófica" e "científica", é a menos perniciosa e a mais provável. Podemos afirmar, como d'Alviella nos assegura, que o "Incognoscível" de Spencer contém todos os elementos necessários à religião; e, como esse notável escritor alegadamente insinua, que "o sentimento religioso tende a libertar-se de todos os elementos morais"? Ou deveremos antes aceitar o outro extremo e concordar com os Comtistas quando dizem que a religião irá gradualmente misturar-se, fundir-se, e desaparecer no altruísmo e no serviço que presta à Humanidade?

Escusado será dizer que a Teosofia, ao rejeitar a unilateralidade e, portanto, a *limitação* em ambas as ideias, é a única capaz de reconciliar as duas, isto é, os Evolucionistas e os Positivistas - tanto na vertente metafísica, como na prática. Como deverá isto ser feito, não é este o lugar apropriado para o dizer, embora qualquer Teósofo familiarizado com as principais doutrinas da Filosofia Esotérica saiba fazê-lo por si próprio. Nós acreditamos num "Incognoscível" impessoal e sabemos bem que o TODO ABSOLUTO, ou o Absoluto, não podem ter nada a ver com cultos nem com conceitos antropomórficos; a Teosofia rejeita o "Ele" de Spencer e substitui-o pelo impessoal ISSO, quando se refere ao

Todo Absoluto e ao "Incognoscível" E ensina o *altruísmo* e o auto-sacrifício, a fraternidade e a compaixão por todas as criaturas como as mais notáveis virtudes, sem que, para isso, tenha de adorar o Homem ou a Humanidade. Ademais, como o Positivismo não admite a existência de uma alma imortal nos homens, nem acredita em vidas futuras nem na reencarnação, tal "culto" torna-se ainda pior que o fetichismo: é *Zoolatria*, ou o culto dos animais. Porque aquilo que constitui o *verdadeiro* Homem é, nas palavras de Carlyle, "a essência do nosso ser, o mistério em nós que se auto-designa 'Eu' - ... um sopro do Céu; o Ser Supremo revela-se no homem". Se negarmos isto, o homem não será mais do que um animal - "a vergonha e o escândalo do Universo", como diz Pascal.

É a ancestral história da luta entre o espírito e a matéria, da "sobrevivência do *mais fraco*", perante o mais forte e mais material. Mas o período em que a Humanidade nascente, cumprindo a lei da evolução natural e *dual*, descia juntamente com o espírito para a matéria - esse está encerrado. Nós (a Humanidade) estamos agora ajudando a matéria a ascender em direção ao espírito; e, para isso, temos de ajudar a substância a livrar-se da garra viscosa dos sentidos. Nós, seres humanos da Quinta Raça-Raiz, somos os descendentes diretos da Humanidade primordial dessa mesma Raça; aqueles que, após o Dilúvio, nos esforçamos, recordando-a, por salvar a Verdade e a Sabedoria ante diluvianas, tendo visto os nossos esforços derrotados pelo negro Gênio da Terra - o espírito da matéria, a que os Gnósticos chamavam "Ilda-Baath", e os Judeus, "Jeová" Cuidais que, a mesma Bíblia de Moisés, o livro que tão bem conheceis e tão mal compreendeis, tenha deixado esta afirmação da Doutrina Antiga sem testemunho? Pois não deixou. Permitam-nos concluir com uma passagem (para vós) familiar, contudo aqui interpretada no seu verdadeiro sentido.

No início dos tempos, ou melhor, na infância da Quinta Raça-Raiz, "toda a terra tinha uma só voz e uma só palavra," diz o capítulo XI do Gênesis. Interpretado à luz do esoterismo, isto significa que a Humanidade tinha urna doutrina universal, uma filosofia, que era comum a todos; e que os homens estavam *ligados* por uma religião, quer este termo seja derivado do étimo latino *relegere*, "ligar, unir ou reunir" pela fala ou pelo pensamento, ou de *religens*, "reverenciar os Deuses", ou quer seja derivado de *religare*, "estar ligado estritamente". Qualquer que seja o sentido, isto significa inegavelmente que os nossos antepassados já antes do "dilúvio" aceitavam uma *verdade* - isto é, acreditavam nesse agregado *de fatos* subjetivos e objetivos que formam um todo consistente, lógico e harmonioso a que chamamos *Religião da Sabedoria*.

Agora, lendo nas entrelinhas dos nove versículos do capítulo XI, obtemos a seguinte informação. Sábios como eram na sua geração, os nossos antepassados estavam evidentemente familiarizados com o imperecível truísmo que nos ensina que só na *união está a força* - na união do pensamento, como na das nações, claro está. Assim - para que não fossem "espalhados pela desunião sobre a face da Terra" e, conseqüentemente, a sua religião-Sabedoria não se estilhaçasse em mil pedaços; e para que, eles próprios, em vez de se elevarem como até então em direção ao céu, *através do conhecimento*, não ficassem a gravitar para a Terra, por causa da fé cega - os homens sábios, que "vinham do Oriente", conceberam um plano. Naqueles dias, os templos eram lugares de aprendizagem, não de superstição; os sacerdotes ensinavam a Sabedoria divina, não os dogmas inventados pelo

homem, e a *ultima thule* (14) da sua atividade religiosa não se centrava na caixa das esmolas, como hoje em dia. Então, declararam eles: "Vamos construir uma cidade e uma *torre* que chegue até ao céu, e vamos dar-lhe um nome: E fizeram *tijolo queimado* e usaram-no em vez de *pedra*, construindo assim uma *cidade* e uma *torre*".

Esta é uma velha história tão bem conhecida por qualquer *pé-descalço* que vai à catequese, como por Gladstone. Ambos acreditam piamente que esses descendentes do "amaldiçoado Ham" eram uns orgulhosos pecadores que tinham o mesmo objetivo que os Titãs, ou seja, insultar e destronar Zeus-Jeová, atingindo o "céu", onde ambos supostamente tinham a morada. Mas, uma vez que esta história se encontra narrada nas Escrituras *reveladas* (15), deverá ter, como todas as outras histórias nelas contidas, a sua interpretação esotérica. Para tal, contaremos com a ajuda do simbolismo Oculto. Todas as expressões que representamos em itálico, quando lidas no Hebreu original e de acordo com os cânones do simbolismo esotérico, adquirem uma construção assaz diferente. Assim:

1. "O mundo inteiro (a humanidade) falava *uma* só voz (ou seja, proclamava as mesmas doutrinas), com as mesmas *palavras*" - e não "língua", como na versão autorizada.

Ora, podemos encontrar o sentido cabalístico do termo "palavras" e "palavra" no *Zohar* e no *Talmud*. "Palavras" (*Dabarim*) significa "poderes", e *palavra*, no singular, é um sinónimo de Sabedoria; por exemplo, "O mundo foi criado pela pronúncia de *dez palavras*" (*Talmud* "Pirkey Aboth" c. 5., *Mish.* I). Aqui, o termo "palavras" refere-se às dez Sefiroth, Construtoras do Universo. E ainda: "Pela *Palavra* (Sabedoria, Logos) de YHVH foram feitos os Céus" (*ibid.*).

3-4. "E o homem (o chefe principal (16) disse ao seu próximo, 'Eia, vamos fazer *tijolos* (discípulos) e *cozê-los até queimar* (iniciemo-los, preenchendo-os com o Fogo Sagrado), vamos construir uma *cidade* (estabeleçamos mistérios e ensinemos a *Doutrina* (17) e uma *torre* (*Ziggurrat*, uma torre de templo sagrado) cujo topo chegue ao céu' " (o limite mais alto que se pode alcançar no espaço). A grande torre de Nebo, *Nabi*, no templo de Bel, era chamada "a casa das sete esferas *do céu e da terra*", e "a casa da fortaleza (ou força, *tagimut*) e a pedra da fundação do céu e da terra."

A simbologia oculta ensina-nos que *queimar tijolos para uma cidade* significa formar discípulos na magia, uma "*pedra talhada*" significa um Iniciado *completo*, e as palavras *Petra* (do grego) e *Kephas* (do aramaico) que designam "pedra", têm o mesmo significado, ou seja, "um intérprete dos Mistérios", um *Hierofante*. "O que arde em grande chama" referia-se à Iniciação Suprema. Torna-se, assim, claro o sentido da afirmação de Isaías "os *tijolos* caíram mas iremos *construir* (reconstruir) com pedras talhadas". Para fazermos a verdadeira interpretação dos quatro últimos versículos da alegoria genesíaca sobre a suposta "confusão de *línguas*", podemos recorrer à versão lendária dos *Yezidis* e ler os versículos 5, 6, 7 e 8 do Capítulo XI do Gênesis, do ponto de vista esotérico:

"E *Adonai* (o Senhor) desceu e disse: 'Vejam, os homens *são* um (os homens estão unidos pelos pensamentos e pelos atos) e têm uma só *palavra* (doutrina): E agora começarão a espalhá-la e 'nada do que *eles tenham imaginado* lhes será vedado (terão plenos poderes mágicos e conseguirão obter tudo o que quiserem através desse poder, *Kriyasakti*)'".

Quem são, afinal, os *Yezidis*, o que diz a sua versão, e o que é *Ad-onai*? *Ad* é "o

Senhor", o seu deus ancestral; os Yezidis são uma seita herética muçulmana, espalhada pela Arménia, pela Síria e, em especial, pelo Mossul, precisamente o sítio onde se localizava Babel (veja-se "Chaldean Account of Genesis"), conhecidos pelo estranho nome de "adoradores do Diabo". A sua confissão de fé é bastante original. Reconhecem dois poderes, ou Deuses - Alá e Ad (ou Adonai), mas identificam este último com Sheitân, ou Satã. Isto é muito natural, uma vez que Satã também é "um filho de deus?" (ver Job 1). Tal como se diz nas *Hibbert Lectures*, Satã, o "Adversário", era o ministro e o *anjo de Deus*. Portanto, quando questionados acerca da causa da sua curiosa adoração por alguém que se tornou a personificação do Mal e o espírito negro da Terra, explicam a razão de uma forma tão lógica quanto irreverente. Eles dizem-nos que Alá, sendo o *Bem Supremo*, nunca iria prejudicar nem a mais ínfima das suas criaturas. *Ergo*, não precisa de orações nem de ofertas de sacrifícios "dos primogênitos do rebanho, nem da sua gordura". Mas que, sendo o seu Ad, ou Diabo, *Todo-mal*, cruel, invejoso, vingativo e orgulhoso, para que possam sobreviver, eles têm de o apaziguar oferecendo sacrifícios e incensos que agradem ao seu olfato, para o adular e o contentar. Perguntem a qualquer Sheik dos Yezidis do Mossul o que tem a dizer sobre a confusão das línguas quando *Alá* "desceu para vir ver a cidade e a torre que os filhos dos homens haviam construído"; e ele dir-vos-á que não foi Alá, mas sim *Ad*, o deus Sheitân, quem o fez. O Gênio ciumento da Terra teve inveja dos poderes e da santidade dos homens (como o deus Vishnu sente inveja dos grandes poderes dos *Yogis*, ainda que sejam *Daityas*); e, portanto, esta divindade da matéria e da concupiscência confundiu o seu entendimento, tentou os "Construtores" e fê-los cair nas suas redes; e tendo eles assim perdido a sua pureza, com esta perderam também o seu conhecimento e os seus poderes mágicos, casaram entre eles e "espalharam-se sobre a face da Terra".

Isto é mais lógico do que atribuir a "Deus, o *Bem Supremo*", tais artifícios ímpios que lhe são atribuídos na Bíblia. Além do mais, a lenda da torre de Babel e da confusão *das línguas*, como muitas outras coisas, não é original: vem dos Caldeus e dos Babilônios. George Smith descobriu esta versão num fragmento mutilado das placas Assírias, e nelas nada está dito acerca da confusão das *línguas*. "Traduzi a palavra 'línguas' com alguma desconfiança", diz ele no *Chaldean Account of Genesis*, "nunca entendi a palavra Assíria com esse significado". Quem quer que leia a tradução fragmentária de G. Smith, no citado volume, verá que é uma versão bastante mais próxima da dos *Yezidis* do que da do *Gênesis*. Foi o de "mau coração" e de natureza "perversa" que confundiu "os desígnios" dos homens e não as suas "línguas", e quem despedaçou "o Santuário ... que continha a Sabedoria" e então "choraram amargamente em Babel".

E assim deveriam "chorar" todos os filósofos e os amantes da Sabedoria Antiga; pois foi desde então que começaram os mil e um substitutos exotéricos da única verdadeira Doutrina, ou *palavra*, obscurecendo cada vez mais a inteligência dos homens e derramando sangue inocente com um fanatismo feroz. Tivessem os nossos filósofos modernos estudado os antigos Livros da Sabedoria - como, por exemplo, a *Kabbalah* -, em vez de zombarem deles, e teriam encontrado a revelação de muitos dos segredos da antiga Igreja e do antigo Estado. Como, porém, não o fizeram, o resultado está à vista. O negro círculo de *Kali Yuga* reavivou a *Babel do pensamento moderno*; comparada com esta Babel, a "confusão das línguas" parece até uma harmonia. Tudo é obscuro e incerto; não há argumentos em

nenhum domínio: nem nas ciências, nem na filosofia, nem nas leis e nem mesmo na religião. Mas "ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal; que das trevas fazem luz, e da luz, escuridão", como disse Isaías. Até os elementos parecem confusos e os climas alterados, como se as próprias "dez supremas" celestiais tivessem perdido a cabeça. A única coisa que podemos fazer é sentarmo-nos em silêncio e ficarmos a assistir, tristes e resignados, enquanto

A vela solta oscila de um lado ao outro;
O barco desgovernado deixa adentrar as ondas;
Levado por diante, lançado ao acaso
Quebram-se os remos ... perde-se o leme. (19)

Notas:

1 A palavra "Lúcifer" alude a algo de muito distinto do que deformadas construções teológicas fizeram crer, quando, a partir de certa altura, o identificaram (mal) como o Diabo. Significa "portador da luz": aquele que ilumina, e é usada desde a antiguidade como nome do planeta Vênus, a estrela matinal ou a estrela vespertina. Lembremos, de resto, que houve um Bispo Cristão, de Cagliari, e que foi canonizado, que adotou o nome de Lúcifer - Lúcifer Calaritano. A sua festa, no calendário da Igreja Católica é a 20 de maio. Uma capela na Catedral de Cagliari é dedicada a São Lúcifer. (NEd.)

2 Do latim, "na terra dos infiéis". (N.T.)

3. Do francês, "requeentados". (N.T.)

4 Do francês, "molho picante" (N.T.)

5 O erudito Maçon belga teria acertado melhor se tivesse acrescentado mais alguns zeros a estes quatro mil anos ...

6 William Thompson (1824-1907), relevante cientista britânico, dos mais influentes na sua época. (NEd.)

7 Society for Psychical Research. (N.T.)

8 Note-se que, no original, em inglês, HPB usou a palavra "Don" (Catedrático) logo a seguir a Donne, e este "jogo", estética da língua, a pender para o trocadilho, não deixa de ser assinalável, para quem não tinha o inglês como língua materna. Podemos mesmo vislumbrar uma comparação entre a alusão que faz ao "Corpo Astral da Sra. Dorme" e o fato de os "Dons" Universitários serem, eles próprios, uma espécie de "corpo astral": ao

usarem os conteúdos que "pediram emprestado" aos seus verdadeiros autores. (N.T.)

9 Na *Revue Philosophique* de 1883, onde traduz "gropings" (tatear às cegas) por *atonements successifs*.

10 Do latim, "por inteiro". (N.T.)

11 Uma vez que esta citação é aqui repetida de memória, não se pretende que tenha uma exatidão verbal, servindo apenas para dar a essência do argumento.

12 O epíteto deve-se ao Sr. Huxley. Numa conferência que proferiu em Edimburgo, em 1868, intitulada *On the Physical Basis of Life*, este seu grande adversário observou que "a filosofia de Auguste Comte poderia resumir-se, na prática, a *Catolicismo menos Cristianismo*, e antagônica à própria essência da Ciência".

13 Professor de História Eclesiástica na Universidade de Bruxelas, no seu ensaio filosófico intitulado *Essay on the reliqious meaning ofthe "Unknowable"*.

14 Do latim, com o sentido de "o fim último". (N.T.)

15 "Reveladas" é uma palavra curiosa e infeliz, uma vez que a sua origem etimológica do latim, *revelare*, tem o significado diametralmente oposto ao que se lhe dá atualmente. A palavra "revelar" ou "revelado" deriva do latim *revelare*, isto é, re "voltar a"; "tornar a" *velare*, "colocar o véu", cobrir algo, da palavra *velum* - véu ou cobertura. Assim, em vez de desvelar ou remover o véu, o que Moisés fez na verdade foi voltar a "velar" as lendas e alegorias Egípcio-Caldaicas nas quais fora iniciado como um "instruído em toda a Sabedoria do Egito". Porém, Moisés não foi o primeiro a revelar, ou a *recobrir com um véu*, como muito bem observa Ragon. Milhares de anos antes dele, já Hermes teria velado os mistérios Hindus para os adaptar à terra dos Faraós. É claro que já não existe nenhuma autoridade clássica que possa esclarecer o filólogo ortodoxo, mas existe a autoridade oculta que sustenta que a palavra *revelare* significa "tornar a velar" e, portanto, "revelação" significa lançar um véu sobre algo, uma *cortina* (em inglês, *blind*, que também significa "cego" ...) - e isto é absolutamente avassalador.

16 Traduzido do Hebreu original. "Chefe principal" (*Rab-Mag*) significa literalmente Mestre-Mago, Mestre ou *Guru*, como o foi Daniel na Babilônia.

17 Quando se diz que alguns heróis Homéricos, tais como Laomedonte, o pai de Príamo,

construíram cidades, na realidade estavam a fundar as *Religiões de Mistérios* e a Sabedoria (Antiga) em terras estrangeiras.

18 No Livro do Eclesiástico 21: 30, ordena-se não amaldiçoar Satã, "sob pena de perder a vida". Por quê? Porque nas suas permutas, "o Senhor Deus", Moisés, e Satã são um só. Enquanto estavam na Babilônia, o nome que os Judeus deram ao seu Deus *exotérico*, o nome que substituía o da *verdadeira* Deidade da qual jamais falaram, e sobre a qual nunca escreveram, foi o nome Assírio *Mosheh* ou *Adar*, o deus do sol abrasador (em boa verdade, o "Senhor Deus é *umfogo* que consome"), e, portanto, *Mosheh* ou Moisés, também *brilhava*. No Egito, Tifão (Satã), o *encarnado*, foi identificado tanto com o asno encarnado Tifão, chamado Set ou Seth (ao qual os Hititas prestavam culto), que era o mesmo que *El* (o deus Sol dos Assírios e dos Semitas, ou Jeová), como com Moisés, também ele encarnado. (Ver *Isis sem Véu*, Vol. II) Moisés era de pele encarnada. De acordo com o *Zohar* (Vol. I) *B' sar d' Mosheh soomaq*, isto é, "a carne de Moisés era encarnada escura"; e estas palavras estão na base da expressão "O rosto de Moisés brilhava como o Sol". (ver *Qabbalah*, de Isaac Myer) Estes eram os *três aspectos* do Deus manifestado (o substituto de *Ain Suph*, a Deidade infinita), ou a Natureza, nos seus três Reinos principais - o Ígneo ou Sol, o Homem ou Líquido, o Animal ou Terrestre. Nunca houve nenhum *Mosheh*, ou Moisés, antes do Cativeiro Babilônico e de Esdras, o profundo conhecedor da *Kabbalah*; o que é agora Moisés tinha um outro nome 2000 anos antes. Onde estão os manuscritos Hebraicos anteriores a essa época? Além disso, as *Hibbert Lectures* de Sayce (1887) corroboram isto mesmo. *Adar* é o "Deus da Guerra" Assírio, ou o *Senhor dos Exércitos*, o mesmo que *Moloch*. O equivalente assírio de *Mosheh* (Moisés) é *Masu*, o "duplo" ou o "gêmeo", e *Masu* é o título de *Adar*, que também significa "herói". Quem quer que leia atentamente as referidas *Hibbert Lectures* não pode deixar de ver que *Jehovah*, *Mâsu* e *Adar*, assim como vários outros, são *permutações* de Nomes Divinos.

19 Excerto de uns versos das Fábulas de Gay. No artigo original em inglês: "The slack sail shifts from side to side; / The boat untrimm'd admits the tide; / Borne down adrift, at random toss'd, / The oar breaks short, ... the rudder's lost".

UMA NOTA SOBRE A MEMÓRIA

Este artigo foi originalmente publicado, a título póstumo, na revista *Lucifer*, Vol. IX, nº 50, Outubro de 1891. Tradução de Mirca Santos

Nenhum evento, nenhuma manifestação, por súbita e breve que seja, poderá jamais apagar-se do arquivo *Skândico* da vida de um ser humano. Nem a mais diminuta sensação,

nem atos, impulsos, pensamentos ou impressões fugazes, podem desaparecer deste, ou neste, Universo. Podemos pensar que eles não ficaram registados na nossa memória, ou não foram percebidos pela nossa consciência; no entanto eles se inscreverão indelevelmente nas *tábuas* da luz astral.

A memória pessoal é uma ficção do fisiologista. É um fato de que existem células no nosso cérebro que recebem e transmitem sensações e impressões e, uma vez realizado esse processo, a sua missão terminou. Estas células do suposto "órgão da memória" são os *receptores* e os *transmissores* de todas as imagens e impressões do passado, porém não os seus *conservadores*. Sob múltiplas e variadas condições e estímulos podem receber instantaneamente o reflexo dessas imagens astrais, retornadas - e isto é chamado "memória", coleção, lembrança -, mas elas (essas células) não as preservam. Quando se diz que alguém perdeu a memória ou que esta se debilitou, é simplesmente um modo de falar; são tão-só as nossas células ditas "da memória" que estão sujeitas à depauperação ou à destruição. O vidro da janela permite-nos ver claramente através dele o sol, a lua, as estrelas e todos os objetos exteriores, contudo se ele estalar ou se rachar todas as imagens projetadas, que deles nos chegam, surgirão distorcidas ou impedidas. Substitua-se esse vidro partido por um tapume de madeira, ou fechem-se as cortinas, e as imagens ficarão fora do alcance da nossa vista. Mas, com base nesse fato, poderíamos nós dizer que todas as imagens - sol, lua, estrelas ... - desapareceram, ou que, se repararmos a janela colocando um novo vidro, as mesmas não serão de novo projetadas e refletidas no interior da vossa sala?

Existem casos de demência que duraram meses e anos, e igualmente registaram-se exemplos de altas febres prolongadas por vários dias, em que quase todas as ações e dizeres dos assim afetados, eles as fizeram inconscientemente. No entanto, quando o paciente se recupera, ocasionalmente recorda as suas palavras e ações, e com grande acuidade. Os processamentos cerebrais inconscientes são um fenômeno, neste plano, que concerne apenas à mente cerebral. Porém, a Memória Universal conserva cada movimento, a mais ínfima onda e sentimento, que percutem e agitam as marés da natureza diferenciada do homem e do Universo.

CONVERSAS SOBRE OCULTISMO COM H.P.B.

O texto que se segue foi publicado, posteriormente à morte de H.P.B - Helena Petrovna Blavatsky -, na revista *The Path*, Nova Iorque, Vol. IX, Abril, 1894, pp. 17-21. Está reproduzido nos *Blavatsky Collected Writings*, Vol. X, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1964, 461 pp., ver pp. 268- -273. Tradução de Ana Isabel Neves.

[Ao longo deste artigo, a nota introdutória e vários comentários que não se encontram entre aspas, são da autoria de William Quan Judge (1)

Nota Introdutória

Em 1875, '76, '77 e '78 a minha intimidade com H.P.B. proporcionou-me muitas oportunidades para conversar com ela sobre o que na altura chamamos "Magia". Estas úteis (e, para mim, maravilhosas) ocasiões decorriam, a maioria, quando a noite ia já avançada, e algumas outras também de dia. Eu costumava, então na altura, encontrá-la durante o dia, sempre que podia sair do meu escritório. Ficava com alguma frequência no seu apartamento com o objetivo de ouvir e ver o máximo que me era possível. Mais tarde, em 1884 (2), passei muitas semanas com ela na Rua Notre-Dame-des-Champs em Paris, sentado a seu lado dia após dia e noite após noite; mais tarde ainda, em 1888, estando com ela em Londres, em Holland Park, tive mais algumas oportunidades. Do que ela disse nessas ocasiões, publico aqui alguns trechos para o bem dos que possam beneficiar-se das suas palavras. Certamente não existe maior ocultista prático conhecido neste século, pelo que, dessa perspectiva, o que foi dito por um tal vulto, terá inestimável utilidade para alguns.

Sobre o Devachan

Este termo não era utilizado na época. A conversa centrou-se sobre os passos no Caminho e o retorno ao mundo material. Em resposta a uma questão, disse:

- "Sim, já estiveste aqui e envolvido *nisto*, anteriormente. Nasceste com esta inclinação, e em outras vidas conheceste estas pessoas [supostas influências de Adeptos], e por essa razão eles estão aqui para te ver".

Algum tempo mais tarde, quando já se usavam termos mais definidos, uma questão que então se levantou era se todos ficamos, ou não, 1500 anos no Devachan.

"Bem, Judge, como decerto saberás, segundo a *filosofia* nem todos ficamos lá por tanto tempo. Isso varia de acordo com a *condição* de cada um. Um pensador com a mente polarizada no mundo material irá emergir mais rapidamente do que aquele que é um espiritual e bom filósofo. Para além disso, todos os servidores da Loja (3), independentemente do seu grau, são ajudados a sair do Devachan, se os próprios o permitirem. A tua ideia, de que ainda não passaram 1500 anos desde que entraste no Devachan [após a anterior encarnação], está correta, e aquilo que digo é o que o Mestre me diz. Eis, pois".

Precipitações pelos Mestres

Em resposta a uma questão sobre este tópico, disse H.P.B.:

- "Se imaginas que o Mestre está sempre a precipitar [objetos], enganas-te. Sim, ele pode fazê-lo, mas a maior parte das precipitações são executadas por chelas, os quais quase te pareceriam Mestres. Eu vejo as Suas ordens, e os pensamentos e as palavras que Ele deseja que sejam utilizadas, e precipito-as nessa forma; o mesmo faz *** e um ou dois mais.

- "Bem, e em relação aos Seus manuscritos?"

- "Qualquer coisa que tu escrevas é um manuscrito teu mas pode, contudo, não ser na tua caligrafia pessoal que habitualmente usas e antes aprendeste, se tu assumires ou adotares alguma outra forma. Ora, tu sabes que a escrita dos Mestres, peculiar e pessoal d'Eles próprios, é estranha [para nós] tanto no que respeita à sonoridade quanto à forma - do tipo indiano, quero dizer. Então, Eles adotaram uma [outra] forma em Inglês, e é nessa forma que eu precipito as Suas mensagens sob a Sua direção. É por isso que B---- quase me apanhou um destes dias e por pouco não se deu uma enorme confusão ... A mensagem tem de ser vista na luz astral *tipo facsimile*, e é a partir dessa matriz astral que eu a precipito na totalidade. É diferente, no entanto, se o Mestre me envia o papel e mensagem já escritos. É por isso que eu chamo estas situações de "ardis psicológicos". O "sinal" pedido, provindo de um desejo objetivo, parece ser requerido, malgrado um pensamento fugaz e momentâneo possa não ser prova de nada a não ser de uma habilidade oculta. Muitos médiuns fizeram precipitações antes de se ouvir falar do meu humilde ser. Mas abençoado aquele que não deseja nenhum sinal... Tu já presenciaste muitas destas coisas. Por que é que perguntas? Não podes usar o teu cérebro e intuição? Eu exemplifiquei quase toda a sorte de prodígios para ti. Deixa-os usar os seus cérebros e intuição com os fatos conhecidos e as teorias apresentadas".

Se os Magos Brancos atuam, então?

- "Olha, aqui, este homem que deseja saber por que é que um Mestre não interferiu e salvou o seu *negócio*. Eles parecem não se lembrar o que significa para um Mestre usar a (Sua) força oculta. Se utilizares pólvora para fender uma rocha ao meio, poderás também fazer explodir uma casa. Existe uma lei que diz que se um Mago Branco usar o seu poder oculto, um equivalente montante de poder pode ser usado por um Mago Negro. Os químicos inventaram explosivos e homens cruéis podem usá-los. Se tu forçares a presença do Mestre, terás que lidar com as consequências da ação, sobre ti, das forças imensas que se encontram em redor Dele. Se tiveres uma qualquer falha de caráter, os Magos Negros irão utilizar essa brecha direcionando as forças engendradas para esse ponto, podendo desencadear a tua ruína. Sempre assim foi. Passa o umbral que cerca os domínios do oculto sem estares preparado, e forças imediatas, novas, terríveis, devem ser enfrentadas. Então, se não fores suficientemente forte, poderás arruinar o resto desta tua vida. É este o perigo e esta é uma das razões por que os Mestres não surgem ou agem, diretamente, com muita frequência, mas quase sempre através de mediadores de graus intermédios. Aquilo que costumavas dizer - 'as forças duais na natureza'? Precisamente, é isso mesmo; e os Teósofos deveriam lembrar-se disso.

Os Mestres castigam?

- "Agora, acerca disto, não te vou falar tudo. Eles são justos; Eles personificam a Lei e a Compaixão. Nem por um instante imagines que os Mestres te irão castigar pelas tuas falhas e erros, se os houver: o Karma encarrega-se disso. A ética dos Mestres é a mais

elevada. Do ponto de vista da tua pergunta, Eles não castigam. Ou não tenho eu já dito que, mesmo quando os detratores lançam lama no Seu nome, nunca um Mestre imporá um castigo? Não estou a ver por que uma tal pergunta surge. O Karma punirá, na medida necessária".

Sobre os Elementais

- "Foi já há muito tempo que te disse que esta parte não seria explicada. Mas posso adiantar-te algumas coisas. Este [elemental] que tu e Olcott costumam chamar ***, não te pode ver a não ser que eu o deixe. Ora eu vou fazer uma impressão tua dirigindo-a para ele, para que, como uma fotografia, ele se lembre de ti daqui em diante. Mas não podes fazê-lo obedecer-te, até que aprendas a dirigir a sua força. Vou enviá-lo até ti e levá-lo a produzir o som de uma campainha".

[Poucos dias depois disto, dei o sinal que me tinha sido proposto, a uma certa distância dela, e o som como que de uma pequena campainha tiniu no ar enquanto eu falava com uma pessoa não afeta à Teosofia, e estando eu a uma distância de cerca três milhas de H.P.B .. Quando nos encontramos de novo, ela perguntou se o *** tinha aparecido e tocado a campainha, e mencionou o dia e a hora exatos].

- "Este não tem uma forma particular, é mais como uma massa circulatória de ar. No entanto, é, ainda assim, bastante definido, como pudeste comprovar pelo que ele já fez. Existem algumas classes que possuem formas próprias. A distinção geral entre [elementais] "do fogo", "do ar", "da terra" e "da água" é bem correta, todavia não cobre todas as classes. Não há nem uma só coisa que se passe entre nós, não importa o quê, que com ela os elementais não estejam relacionados, pois eles necessariamente constituem uma parte da natureza, tão importante quanto as correntes nervosas do teu corpo. "Por que carga de água" haverias de vê-los? Lembras-te do que me disseste sobre aquela senhora =. que os viu a transformar-se e a mover-se naquela ópera? Isso deveu-se às tendências delas e à ideia geral subjacente à própria ópera [Era a ópera de Tristão e Isolda, de Wagner - J.]. "Neste caso, como Isolda é Irlandesa, a ideia global inerente à ópera suscitou a manifestação de uma classe de elementais peculiar a essa ilha e às suas tradições. É um local curioso, Judge, essa Irlanda! Está pejada de uma classe singular de elementais; e, por Júpiter!, vejo que eles até emigraram em grandes números ... Por vezes, um ou outro desperta e evoca, por acidente, alguma antiga condição, por exemplo, do Egito; é essa a explicação para aquele som astral singular, que dizias que te lembrava um sistro [antigo instrumento musical egípcio]. Mas olha, meu querido amigo, pensas que te daria um livre-trânsito "captador de elementais"? - Não, ainda! Bulwer-Lytton escreveu muito sabiamente sobre este tema".

[Passeando em Central Park, Nova Iorque] - "Este local é muito interessante. Vejo um grande número de indianos, e também os seus elementais, tão reais como tu te me aparentas. Eles não nos veem. Mas olha, Judge, não confundas o magnetismo que se escapa através da tua pele com os suaves toques de supostos elementais que querem um cigarro."

[Em W. 34th Street, Nova Iorque. A primeira vez que ela me falou de elementais em particular, tendo-lhe eu perguntado algo sobre Espiritismo - J.] - " ... É tudo praticamente levado a cabo por elementais. Eu posso fazer com que eles deem batidas em qualquer local deste quarto que eu desejar. Escolhe um: ' [Apontei para um local na parede, que estava longe de qualquer objeto] "Agora põe uma questão que possa ser respondida por batidas".

Questão: - "Qual é a minha idade?" - Resposta em batidas: o número correto.

Q: - "Quantas pessoas vivem em minha casa?" - R: o número correto.

Q: - "Há quantos meses me encontro na cidade?" - R: o número correto.

Q: - "Quantos minutos passam da hora no meu relógio?" - R: o número correto.

Q: - "Quantas chaves estão no meu chaveiro?" - R: o número correto.

H.P.B. - "Oh, que disparate! Deixa-o! Não vais conseguir nada mais dele, mandei-o parar. Tenta o teu melhor ... Eles não têm intelecto; retiram tudo da tua própria mente, até o número de chaves do teu chaveiro, pois tu sabes quantas chaves se encontram lá, apesar de poderes não te lembrar; mas, de qualquer maneira, eu consegui ver o interior do teu bolso e contar o número de chaves, e assim ele [o elemental] deu o número correto de batidas. Há sempre algo melhor do que essa *bobagem mágica!*".

H.P.H. precipita em Londres

Em 1888 eu estava em Londres e queria um papel, com cerca de quatro frases escritas em tinta púrpura, que tinha deixado na América. Desci até à sua sala, onde se encontrava B. Keightley, e, não dizendo nada, sentei-me de frente para H.P.B. e pensei: "Se ela me conseguisse, de alguma maneira, uma cópia daquele papel..," Ela sorriu para mim e foi até ao quarto, aparecendo pouco depois com um papel na mão, o qual me passou de imediato, em frente a Keightley. Para meu espanto, era um duplicado do papel que eu havia deixado na América, *um facsimile*. Questionando-a como havia conseguido, ela respondeu: "Eu vi-o na tua mente e o resto foi fácil; tu pensaste nele com muita clareza. Tu sabes que tal pode ser feito; e era necessário que eu o fizesse". Tudo isto aconteceu em cerca do mesmo tempo que demora a ler estas frases descritivas.

Notas

1 William Quan Judge (1851-1896) foi um dos co-fundadores da Sociedade Teosófica, um dos grandes pioneiros do movimento esotérico contemporâneo, sempre leal a Helena P. Blavatsky. (NEd.)

2 W. Q. Judge chegou a Paris a 25 de Março de 1884, a caminho da Índia, e partiu para Bombaim no final de Junho. Ver as suas cartas publicadas no *The World*, Vol. xv, Abril, 1912, p.p. 17-18. (Nota de Boris de Zirkotf, organizador dos *Blavatsky Collected Writings*)

3 Alusão à Grande Fraternidade, de Adeptos de elevada Sabedoria e Compaixão, que zela

pelo progresso espiritual da Humanidade e pelo bem de todos os seres. (NEd.)

MAHATMAS E CHELAS

O texto abaixo foi publicado pela primeira vez em *The Theosophist*, Vol. V, Nº 10, Julho 1884, p. 233. Está incluído em *Collected Writings*, Volume VI, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1954, 481 pp., ver pp. 239-241. Tradução de Mirca Santos.

Um *Mahatma* (1) é um ser que, por via de uma preparação e educação especiais, desenvolveu *aquelas* faculdades superiores e alcançou *aquela* conhecimento espiritual que a humanidade comum só virá a atingir depois de ter passado por numerosas séries de reencarnações, no processo de Evolução Cósmica - desde que, como é natural, durante esse *percurso*, não atente contra os propósitos da Natureza, causando assim a sua própria aniquilação. Este processo auto-evolutivo dos *Mahatmas* estende-se por um certo número de "encarnações", embora, comparativamente falando, sejam elas muito poucas.

Mas, o que é que encarna? A Doutrina Secreta, até onde foi revelada, mostra que os três primeiros princípios [do homem] (2) morrem, pouco mais ou menos, com a chamada morte física. O quarto princípio, juntamente com as contrapartes inferiores do quinto - onde residem os impulsos e as propensões animais -, tem o *Kâma-loka* (3) por morada, onde sofre a agonia da desintegração em termos proporcionais à intensidade desses desejos inferiores; é o *Manas* (4) *superior*, o *puro homem* - aquele que está associado com o sexto e sétimo princípios (5) -, quem entra no *Devachan* (6), para ali desfrutar os efeitos do seu bom *Karma*, e após isso reencarnar numa individualidade superior.

Pois bem, uma entidade que em sucessivos nascimentos vai passando pelo treinamento oculto, em cada uma de tais encarnações vai tendo cada vez menos desse *Manas* inferior, até que chega o momento em que *todo* o seu *Manas*, sendo de natureza puramente elevada, fica polarizado na sua individualidade superior. É então que se pode dizer que "se tornou um *Mahatma*". No momento da sua morte física, os quatro princípios inferiores perecem sem qualquer sofrimento, pois eles são para aquela individualidade superior, de fato, como um mero adorno externo que se enverga ou larga à vontade.

O verdadeiro *Mahatma* não é então o seu corpo físico, e sim esse *Manas* superior que está inseparavelmente unido a *Âtman* e ao seu veículo (o sexto princípio) - uma união por ele efetuada num período comparativamente muito curto, devido a que seguiu o processo de auto-evolução preconizado pela Filosofia Oculta.

Por tal razão, quando algumas pessoas manifestam o desejo de "ver um *Mahatma*" realmente não parecem entender o que estão a pedir. Como podem elas esperar ver com os olhos físicos o que *transcende* a visão? É o corpo - uma mera casca

ou máscara - aquilo que desejam ver e do que correm atrás? E mesmo supondo que veriam o corpo de um *Mahatma*, como poderiam saber se por detrás dessa máscara há oculta uma entidade elevada? Sob que critérios irão avaliar se a imagem que *Mâyâ* reflete ante eles é, ou não, a de um verdadeiro *Mahatma*? E quem poderá dizer que o físico não é *Mâyâ*?

As coisas elevadas só podem ser percebidas mediante um sentido da mesma natureza dessas coisas elevadas; por conseguinte, quem aspire a ver um verdadeiro *Mahatma* deverá usar a sua visão *intelectual*. Deverá elevar o seu *Manas* até ao ponto em que a sua percepção seja clara e todas as névoas criadas por *Mâyâ* sejam dissipadas. A sua visão será então brilhante e poderá ver o *Mahatma* onde quer que ele esteja, porquanto, estando ele *imbuído* no sexto e no sétimo princípios - que são ubíquos e omnipresentes -, dos *Mahatmas* pode ser dito que estão em todo o lado.

Entretanto, do mesmo modo como, se estivermos no cimo de uma montanha, tendo ao alcance da nossa vista toda a planície, apesar disso não percebemos cada árvore ou lugar em particular - já que, dessa perspectiva elevada, tudo o que estiver em baixo nos parece praticamente idêntico; e do mesmo modo como a nossa atenção pode ser atraída por algo que *destoa* ou se destaca do conjunto, então semelhantemente, ainda que toda a humanidade esteja dentro do raio da visão mental dos *Mahatmas*, não se pode esperar que eles tomem especial nota de cada ser humano, a menos que este atraia a sua atenção pelos seus atos peculiares.

A sua preocupação essencial é o bem maior para a humanidade-no-seu-todo, pois eles mesmos se identificaram com essa Alma Universal que reúne a Humanidade; e aquele que queira atrair a sua atenção deve fazê-lo assim, através dessa Alma que a tudo abarca e tudo preenche.

Esta percepção de *Manas* pode ser denominada "fé", o que não deve ser confundido com *crença cega*. "Crença cega" é uma expressão por vezes usada para indicar a crença sem percepção ou entendimento; ao passo que a verdadeira percepção de *Manas* é aquela crença iluminada, que é o verdadeiro sentido da palavra "fé". Tal crença deve estar ao mesmo tempo acompanhada de *conhecimento*, isto é, experiência, pois "o verdadeiro conhecimento traz consigo a fé". A fé é a percepção de *Manas* (o quinto princípio), enquanto que o conhecimento, na verdadeira acepção da palavra, é a capacidade do Intelecto, quer dizer, é percepção espiritual.

Em resumo, a individualidade superior do homem, constituída pelo seu *Manas* superior, mais o sexto e o sétimo princípios, deve trabalhar como uma unidade e só então pode alcançar a "sabedoria divina", pois as coisas divinas só podem ser percebidas mediante faculdades divinas. Assim, o desejo que deve motivar alguém a solicitar ser admitido como *cheia*, é o de compreender o funcionamento da Lei de Evolução Cósmica a fim de poder trabalhar em harmonioso acorde com a Natureza, em lugar de se lhe opor e agir contra os seus desígnios por ignorância.

Notas

1 Literalmente "Grande Espírito" ou "Grande Ser". (NEd.)

2 Ou seja, o Corpo Físico (*Sthula-Sharira*), o Corpo Astral (*Linga-Sharira*) e a Vitalidade ou Força Vital (*Prâna*). (NEd.)

3 *Kâma-Loka* - Etimologicamente, região, mundo ou plano (*Loka*) do Desejo (*Kâma*).

4 *Manas* - Mente (NEd.).

5 Os sexto e sétimo princípios são, respectivamente, *Buddhi* (Alma Espiritual, Discernimento) e *Âtman* (Espírito). (NEd.)

6 *Devachan* - Etimologicamente, "a morada dos Deuses (*Devas*)". Um estado subjetivo de felicidade entre duas existências no mundo físico.

HÁ UM CAMINHO ...

O texto seguinte foi publicado na revista *Lúcifer*, Vol. IX, n.º 49, Setembro de 1891, pp. 353-360 1. Integra os *Blavatsky Collected Writings*, Vol. XIII, H. P. Blavatsky, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1982, 465 pp., ver p. 219. Tradução de Mirca Santos.

Há um caminho, íngreme e espinhoso, envolto em perigos de toda espécie, mas ainda assim, um caminho e que leva ao próprio coração do Universo. Posso dizer-vos como achar aqueles que mostrarão o portal secreto que abre apenas internamente e se fecha com firmeza por detrás do neófito, para sempre.

Não há perigo algum que a coragem destemida não possa vencer; não há prova alguma que a pureza imaculada não possa superar; e nenhuma dificuldade que o intelecto forte não possa transpor.

Para aqueles que prosseguem vitoriosos há uma recompensa indescritível - o poder de abençoar e salvar a humanidade; para aqueles que falham, há outras vidas nas quais o sucesso pode vir.

Notas

1 Depois da morte de H.P.B., a revista *Lúcifer* passou a ser editada principalmente por Annie Besant. No seu Editorial, abrindo o Nono Volume, ela fala do lugar de *Lúcifer* no mundo intelectual, da sua oposição ao Materialismo, da filosofia que ele oferece desde a mais vetusta antiguidade, da religião que traz, a qual não avilta nem o intelecto nem a consciência, etc. Termina dizendo que ele "se inclina para sussurrar ao ouvido do paciente buscador, aspirante da Sabedoria Oculta". Depois, ela publica, entre aspas, a passagem que aqui se reproduz. Pensou-se durante muito tempo que esta passagem fosse da autoria de Annie Besant. Mo entanto, William Kingsland, que foi muito próximo a H.P.B. durante um longo tempo, e cuja opinião sobre estes assuntos é de particular importância, atribui esta passagem a H.P.B. e usa-a como tal na sua conceituada obra *The Real H. P. Blavatsky* [A Verdadeira H. P. Blavatsky] (Londres: John M. Watkins, 1928). É bem possível que Annie Besant tenha usado no seu Editorial alguma passagem de algum manuscrito não publicado de H.P.B., colocando-a na boca de Lúcifer. (Nota do Compilador *dos Blavatsky Collected Writings*, Boris de Zirkoff)

